



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição IX Janeiro de 2011

Nesta edição:

As Egrégoras	1
Os Doze Trabalhos de Hércules	4
Louis Claude de Saint-Martin e o Martinismo	23
Contos Espirituais	31

As Egrégoras

Em primeiro lugar, independente do ponto de vista Egregórico, devemos ter sempre presente em nós a força Crística e o Amor à Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus Filho e conseqüentemente Deus Pai e Deus Espírito Santo. Tampouco podemos descuidar da dedicação e da oração aos nossos Ven. Mestres; quando um iniciado adentra em uma egrégora, é seu dever mantê-la unida e coesa, já que o homem oscila muito de um ponto a outro em seu ritmo e seus próprios pensamentos acabam afastando-o. A fé que cada irmão deposita na egrégora da ordem e sobretudo em seu principal condutor Jesus Cristo é fundamental e está ligada a qualidade e resultado de seus trabalhos. Cada um deve encontrar o amparo da egrégora e devem ter sempre seus questionamentos respondidos.

Sobre as Egrégoras, sua composição, benefícios e proteção

Dá-se o nome de Egrégora a uma Força gerada por uma potente cor-

rente espiritual e alimentada depois a intervalos regulares, segundo um ritmo e em harmonia com a Vida Universal do Cosmos, ou a uma reunião de Mestres ou Seres Espirituais unidos por uma afinidade espiritual específica.

No invisível e fora da percepção física do Homem, existem seres gerados pela devoção, entusiasmo ou fanatismo, que se chamam egrégoras. São as almas das grandes correntes espirituais, boas ou más. A Igreja Mística, a Jerusalém Celeste, o Corpo de Cristo e outros nomes ou sinônimos, são os qualificativos que comumente se dá a egrégora do Catolicismo. A Franco-Maçonaria, Protestantismo, Islamismo, Budismo, etc., também tem suas próprias egrégoras.

Integrado psicologicamente pela Iniciação ritualística ou pela adesão intelectual a uma dessas correntes, o iniciado se tornará uma de suas moléculas constitutivas. Ele aumentará a potência da egrégora nas qualidades ou nos defeitos que possuir, e em



troca, a egrégora o isolará das forças exteriores do mundo físico, e lhe oferecerá toda a força coletiva que ela possuir. Instintivamente, a linguagem popular dá o nome de "círculo" a uma egrégora, exprimindo assim intuitivamente a idéia de circuito. Entre a célula constitutiva e a egrégora, quer dizer entre o filiado e o grupo, se estabelece então uma espécie de circulação psíquica interior.

Isto explica porque os adversários de um conceito qualquer, ao estudar sua origem, natureza ou a vida desse conceito, terminem freqüentemente se ligando a ele ou pelo menos aceitem uma parte de suas teorias, mesmo sem se dar conta. E se ele está estudando uma corrente que é mais potente que aquela a qual estava primitivamente ligado, o levará insensivelmente para outro caminho do que aquele que imaginava seguir. Se ele estiver livre de toda filiação, a ação será mais brutal e mais forte. Esta regra é válida para todas as grandes correntes de idéias: filosóficas, religiosas e políticas.

Mas uma corrente espiritual só se torna viva, no sentido oculto da palavra, se rituais ou práticas a vitalizam. As egrégoras são conceitos vitalizados. Isto explica que somente as associações humanas de caráter ritualístico (religião católica, maçonaria, martinismo, etc.) podem chegar a gerar uma egrégora, que durará por muitos anos.

A destruição de uma egrégora pode ser rapidamente obtida com a morte pelo fogo de seus membros encarnados, a destruição dos símbolos que a concretizam ou se ligam a ela, assim como também todos os escritos (rituais, arquivos, etc.) que lhe dizem respeito, este era a estratégia utilizada pela Inquisição e outras correntes destrutivas da humanidade. De outra forma, uma egrégora pode ser lentamente destruída quando entregue a si mesma, nenhum ritual, nenhuma corrente espiritual gerada conforme regras ocultas precisas trabalhem para perpetuar sua existência.

A queima de seus membros encarnados e dos escritos que a ela se ligam, assegura a destruição do corpo físico e do duplo, isto vale também para todos os seres e coisas. A simples morte comum (sem destruição total da imagem), que tira somente a vida material, em nada entrava a vida astral. A morte por derramamento de sangue aumentará a vitalidade oculta da egrégora, em virtude do poder misterioso do sangue, quando é liberado sob a forma de sacrifício, exemplo dos mártires e do próprio Cristo. Isto explica as perseguições pagãs contra o cristianismo, que nada mais fizeram do que o fortificar. Igualmente, o fato de que hereges e seus escritos, tenham sido continuamente destruídos pelo fogo.

O desligamento de alguém de uma egrégora se obtém por uma cerimônia análoga, ainda que oposta em seus objetivos a aquela que assegurou sua entrada. A Iniciação é, nesse caso, aniquilada pela excomunhão.

As reações das egrégoras a respeito da saída de um membro são às vezes perigosas, ainda que se trate de um ato perfeitamente natural. Esta rejeição, continuamente, modifica consideravelmente o destino do "excomungado", destino já modificado uma primeira vez por sua filiação. Para deixar uma egrégora é prudente tomar certas precauções, como por exemplo, sair de forma oficial e sem nenhum tipo de revolta ou movimento perturbador para Ela.

Assim como os membros que constituem uma egrégora são membros da humanidade, no que diz respeito ao plano material, assim também, outras células constitutivas dessa egrégora serão extraídas do mundo astral e divino. A egrégora vive sobre o plano físico (onde ela age por intermédio do Homem) e sobre o plano superior (onde ela age por intermédio de Seres etéricos). Ela possui então um corpo, um duplo e uma alma. Isto tem sua aplicação na tríplice Igreja: Militante

(terrestre), Sofredora (astral), e Triunfante (celeste).

O ritmo de vida de uma egrégora é assegurado pela ritualística (liturgia), desta forma se compreende porque a menor perturbação nesta liturgia traz uma perturbação idêntica na vitalidade da mesma. De aqui resulta a eficiência oculta que tem o ato de profanação. Esta profanação pode ser na forma de divulgação ou exposição pública do que deveria permanecer oculto, já que as palavras e fórmulas especiais e secretas que são utilizadas para a movimentação e despertar da egrégora, ao serem divulgadas (profanação) perdem seu caráter energético oculto, fazendo uma analogia, é o mesmo que um órgão do corpo humano que esteja funcionando anormalmente.

Por este motivo, se afirma que uma vez estabelecido e perpetuado pelo tempo, um ritual não deve ser modificado, sob pena de enfraquecimento da egrégora, isto se aplica particularmente aos rituais de Iniciação, assim como para nomes divinos, palavras de poder, preces, invocações etc., isto é definições ritualísticas consagradas pelo uso e que tem o poder de estabelecer uma relação espiritual entre o homem e Deus.

Se a vida passiva desse "conceito vitalizado" é assegurada pelos iniciados dos graus inferiores, a vida ativa a é por alguns membros, os mais seguros e mais qualificados dos graus superiores. Isto implica necessariamente em uma hierarquia da Egrégora e a igualdade, só pode ser estabelecida no "círculo interior" que está colocado à cabeça da egrégora. É de suma importância a adesão da alma do iniciado à egrégora que frequenta e na qual foi recebido ritualisticamente.



Por fim, as grandes leis cósmicas e particularmente aquelas relativas ao tempo e as épocas, devem colaborar para a vida da egrégora. Isto explica o porque de todas as grandes cerimônias ritualísticas, tanto operativas como filosóficas, estejam situadas nos equinócios e nos solstícios ou em datas relacionadas com estas quatro grandes divisões anuais e outras como Natal, Semana Santa, etc.

A imagem convencional de uma egrégora (representação mental) equivale a uma realidade no plano astral ou mundo hiperfísico. A República, a Pátria, a Justiça, a Guerra, a Fome, tem imagens egrégoricas. O Homem vitalizando conceitos necessariamente os antropomorfiza (dar forma humana). No plano divino, onde tudo equivale a um número ou a um nome divino, é o "signo" ou selo (sigillum) o que concretiza esta egrégora. Assim são sucessivamente, o Selo de Salomão o Hexagrama, o Pentagrama ou Estrela de Davi, a Cruz, o Triângulo

Maçônico, o Pantáculo Martinista e os inumeráveis símbolos ou selos, das Ordens Iniciáticas. Toda egrégora deve possuir um pantáculo que caracterize sua natureza e seus objetivos, isto será em respeito aos seus filia-dos, uma proteção, um suporte e um ponto de contato.

A vida oculta das egrégoras é assegurada por procedimentos idênticos aos empregados pela Magia para vivificar as forças denominadas elementais. O sangue das vítimas (holocaustos de adoração ou de expiação), as resinas aromáticas, incenso, mirra, etc... (sangue dos vegetais), a visualização de uma imagem concretizadora, as correntes mentais, as cadeias de união, etc., fazem dessa

liturgia animadora e conservadora das egrégoras, dependendo de seu tipo e utilização. A vida material das egrégora é assegurada pela qualidade de seus membros, sua disciplina, sua união espiritual e sua observância dos ritos vivificadores e conservadores. Quando uma egrégora vive por muito tempo, ela adquire vida relativamente independente, ela pode então, mudar de mestres ou patronos. A conquista de uma egrégora por sua evocação era um segredo conhecido pelos sacerdotes de Roma.

Concluimos que a importância e razão de ser da "Cadeia de União", é a força geradora e vivificadora de uma Ordem, ela não tem outro objetivo senão o de lançar nas regiões astrais e divinas, que estão fechadas aos sentidos físicos e a sua ação, as correntes de força psíquicas, geradoras de um ser metafísico que é saído da assembléia humana. Produto este da sua Vontade e da sua substância ideal, esse ser ou patrono se tornará seu condutor e protetor.

Os Doze Trabalhos De Hércules

Existem diversas versões sobre os "Doze Trabalhos e Hércules", assim como também a ordem em que foram executados varia de autor para autor. O mais importante é estudar o significado dos Doze Trabalhos sob o ponto de vista Iniciático e Espiritual (da Alma).

Conta a lenda que Hércules assombrava a todos: comia e bebia por vinte homens, arrancava árvores somente para brincar, lutava vitoriosamente com touros e leões. O sábio centauro Quiron ensinou-lhe a arte da caça e a manejar a lança e o arco; Lino, um velho filósofo, tornava-o ao mesmo tempo hábil na retórica, na poesia e na música. Todavia, quanto mais Quiron se orgulhava de seu aluno, tanto mais Lino o considerava fraco e apático, de maneira que censuras e punições choviam sobre o discípulo. O rapaz, já dera mostras bem cedo, era de temperamento impulsivo. Aconteceu, então, que, um dia, após a milésima repreensão do mestre, ele sentiu o sangue ferver-lhe nas veias, apanhou a cítara e deu com ela na cabeça do desventurado filósofo. Sob o tremendo golpe, Lino tombou ao chão, sem um gemido, morto. A mágoa de Hércules foi imensa. Não sabendo como expiar seu crime involuntário, foi a Delfos, consultar o oráculo de Apolo, porque de modo obscuro Hércules compreendia que estava vivendo uma crise que conduziria

a uma mudança de atitude e de plano. Foi assim que ele apresentou-se diante do Mestre.

Hércules era, inicialmente, Alceides e seu nome foi mudado depois de uma estranha experiência e antes de iniciar os trabalhos. Hércules ou Herakles significa "a glória de Hera" que por sua vez representa a Psique, ou a alma. Assim, seu nome personificava a sua missão que era manifestar, em trabalho ativo no plano físico, a glória e o poder de sua divindade inata.

1º Trabalho

"A Captura das Éguas Antropófagas"
significando o aprendizado sobre o controle da mente.

Diomedes, filho de Marte, governava uma terra de pântanos onde criava os cavalos e éguas para a guerra. Os cavalos eram selvagens e as éguas eram ferozes, diante dos quais os homens tremiam, pois elas matavam todos os que cruzassem seu caminho e procriavam sem cessar cavalos extremamente selvagens e perversos. Hércules recebeu a tarefa de capturar as malignas éguas e dar um fim às suas atrocidades. Para isso, Hércules chamou seu inseparável amigo, Abderis. Após

planejar seus atos cuidadosamente, os dois seguiram os cavalos soltos pelos pântanos da região e, finalmente, encurralaram as éguas bravias num campo onde não havia espaço para que se movessem. Lá ele agarrou-as e acorrentou-as e deu gritos de alegria pelo sucesso alcançado. Tão feliz se sentia que julgou indigno de si conduzir as éguas até Diodemes e para isso chamou Abderis, lhe deu a tarefa e seguiu adiante. Mas Abderis era fraco e teve medo. Não conseguiu conter as éguas que se voltaram contra ele e mataram-no, fugindo em seguida. Hércules retornou à sua tarefa, mais sábio, presa da dor, humilde e abatido. Procurou os cavalos por toda a parte, deixando o amigo morto no chão. Prendeu novamente os cavalos e conduziu-os ele mesmo. Mas Abderis estava morto. Os cavalos foram conduzidos para um lugar de paz para serem domesticados e adestrados e o povo aclamava Hércules como seu libertador e salvador de sua terra. Mas seu amigo estava morto, e Hércules sabia que o Primeiro Trabalho estava feito, mas mal feito. Que havia uma importante lição a aprender dessa tarefa antes de prosseguir.

Este Primeiro Trabalho está associado ao signo de Áries. Áries governa a cabeça, portanto é um signo mental. Todos os começos se originam no plano mental e na mente do criador. Consequentemente, está claro que em Áries começam a correta direção e a correta orientação de Hércules. O cavalo simboliza a atividade intelectual: o cavalo branco representa a mente iluminada do homem espiritual e cavalos negros representam a mente inferior, com suas idéias falsas e errôneas conceitos humanos. O significado dessa prova agora está mais evidente. Hércules tinha que começar no mundo do pensamento para obter o controle mental. As éguas do pensamento vinham produzindo cavalos guerreiros e, através do pensamento errado, da palavra errada e de idéias errôneas, devastavam os campos. Uma das primeiras lições que todo o principiante tem que aprender é o tremendo poder que ele

exerce mentalmente, e a extensão do mal que ele pode causar no meio que o circunda, através das “éguas reprodutoras da mente”. Por isso ele tem que aprender o correto uso de sua mente e a primeira coisa a fazer é capturar as éguas e providenciar para que não gerem mais cavalos guerreiros. Para aquele que pretende seguir o Caminho, basta que dedique um único dia a observar o pensamento e perceberá que quase todo o tempo, a maldade, o amor à fofoca e à crítica estão sendo fertilizadas pelo egoísmo e a ilusão. Hércules compreendeu o mal que as éguas estavam causando e correu em socorro das pessoas, determinado a capturá-las; porém ele superestimou-se quando não percebeu a potência e a força que elas possuíam, tanto que as entregou a Abderis, o símbolo do eu inferior pessoal. Hércules, a alma, e Abderis, a personalidade, juntos eram necessários para guardar as éguas. Sozinho, Abderis não tinha força suficiente e por isso foi morto. Assim funciona a grande lei: pagamos em nossas próprias naturezas o preço pelas palavras incorretamente proferidas e pelas ações mal-julgadas. Assim, uma vez mais, a alma na pessoa de Hércules teve que lidar com o problema do pensamento errôneo, e somente mais tarde ele consegue realmente atingir o controle total dos processos de pensamento e de sua natureza.

2º Trabalho

"A Captura do Touro de Creta"

significando o aprendizado sobre a natureza dos desejos.

Triste e só Hércules segue seu Caminho para realizar o Segundo Trabalho. No horizonte erguia-se a ilha onde vivia o touro que ele deveria capturar. O touro era guardado por um labirinto que desnorteava os homens mais audazes: o labirinto de Minos, Rei de Creta, guardião do touro. Cruzando o oceano até a ilha ensolarada, Hércules iniciou sua tarefa de procurar o touro e conduzi-lo ao

Lugar Sagrado onde habitam os homens de um só olho, os Ciclopes. De um lugar para o outro ele caçava o touro, seguindo a luz que brilhava na testa do animal. Sozinho ele o perseguiu, encurralou, capturou e o montou e assim, guiado pela luz, atravessou o oceano rumo à terra dos Ciclopes que eram três e chamavam-se Brontes, Esterope e Arges. É importante observar que Minos, Rei de Creta, o dono do touro sagrado, possuía também o labirinto no qual o Minotauro vivia, e o labirinto tem sido sempre símbolo da grande ilusão. A palavra “labirinto” significa algo confuso, que desnorteia, desorienta, embarraça. A ilha de Creta com seu labirinto e o touro é um destacado símbolo da grande ilusão. Estava separada do continente, e ilusão e confusão são características do eu-separado, mas não da alma em seu próprio plano, onde as realidades grupais e as verdades universais constituem o seu reino. Para Hércules, o touro representava o desejo animal, e os muitos aspectos do desejo no mundo da forma, a totalidade dos quais constitui a grande ilusão. O discípulo, tal como Hércules, é uma unidade separada; separada do continente, símbolo do grupo, pelo mundo da ilusão e pelo labirinto em que vive. O touro do desejo tem que ser capturado, domado e perseguido de um ponto a outro da vida do eu-separado, até o momento em que o aspirante possa fazer o que Hércules conseguiu: montar o touro. Montar um animal significa controlar. O touro não é sacrificado, ele é montado e dirigido, sob o domínio do homem.

Este Trabalho está associado ao signo de Touro. A consumação do trabalho é realizada em Touro, e o resultado da influência desse signo, é a glorificação da matéria e a subsequente iluminação por seu intermédio. Tudo que atualmente impede a glória, que é a alma, e o esplendor que emana de Deus dentro da forma, de brilhar em sua plenitude, é a matéria ou aspecto-forma. Quando esta houver sido consagrada, purificada e espiritualiza-

da, então a glória e a luz poderão realmente brilhar através dela.

3º Trabalho

"Os Pomos de Ouro de Espérides"

significando o conhecimento

de si próprio.

Num longínquo país crescia a árvore sagrada, a árvore da sabedoria, que produzia as maçãs de ouro de Hespérides. Esses frutos eram desejados por todos os filhos dos homens que se reconheciam igualmente como filhos de Deus. Havia duas coisas que Hércules sabia sobre a árvore sagrada: que ela era carinhosamente cuidada por três belas donzelas e que um dragão de cem cabeças protegia as donzelas e a árvore.

Hércules pôs-se a caminho, cheio de confiança, seguro de si, de sua sabedoria e de sua força. Seguiu em direção ao norte e percorreu a terra à procura da árvore sagrada, mas não a encontrou. Perguntava a todos os homens que encontrava, mas nenhum pode guiá-lo no caminho; nenhum conhecia o lugar. O tempo passava e ele ainda procurava, vagando de um lado para o outro, freqüentemente retornando sobre os próprios passos. Triste e desencorajado, ainda assim procurava por toda a parte. Não encontrando a árvore sagrada no caminho do norte, Hércules partiu para o sul e, no lugar da escuridão, continuou sua busca. Sonhou com um rápido sucesso, mas Anteu, a serpente, atravessou-lhe o caminho e lutou com ele, vencendo-o a cada investida. “Ela guarda a árvore”, disse Hércules, “isto me disseram, portanto a árvore deve estar por perto. Preciso derrubar sua guarda e assim, destruindo-a, vencê-la e arrancar os frutos.” Contudo, lutando com todas as forças, ele não a vencia. “Onde está o meu erro?” dizia Hércules. “Por que Anteu pode vencer-me? Mesmo quando criança destruí uma serpente em meu berço. Com

minhas próprias mãos a estrangulei. Por que fracasso agora?” Lutando novamente com todo o seu poder, ele agarrou a serpente em suas mãos e levantou-a no ar, longe do chão. E conseguiu realizar seu intento. Feliz, confiante, seguro de si e com nova coragem, Hércules continuou em sua busca. Agora se voltou para o ocidente, e tomando essa direção, encontrou o fracasso. Atirou-se ao terceiro grande teste sem pensar e por muito tempo o fracasso atrasou seus passos. Lá ele encontrou Busiris, o grande arquenganador, filho das águas e parente de Poseidon. Seu trabalho é trazer a ilusão aos filhos dos homens através de palavras de aparente sabedoria. Ele afirma conhecer a verdade e rapidamente eles acreditam. Ele diz belas palavras: “Eu sou o mestre. A mim é dado o conhecimento da verdade, aceita o meu modo de vida. Só eu sei, ninguém mais. Minha verdade é correta. Qualquer outra verdade é errônea e falsa. Fica comigo e salva-te.” E Hércules obedeceu; e a cada dia enfraquecia em seu anterior caminho, sua força estava minada. Ele amava Busiris e aceitava tudo o que ele dizia, tornando-se cada vez mais fraco, até que chegou o dia que o seu



amado mestre o amarrou a um altar e lá o manteve um ano inteiro. Repentinamente, um dia, quando lutava por se libertar, e lentamente começava a perceber quem Busiris realmente era, palavras que ouvira há muito tempo vieram-lhe à mente: “A verdade está dentro de ti mesmo. No teu interior há um poder mais elevado, força e sabedoria. Volta-te para o teu interior e evoca a força que existe, o poder que é a herança de todos os homens que são filhos de Deus.” Com a força que é a força de todos os filhos de Deus, ele rompeu as amarras, agarrou o falso mestre e prendeu-o no altar em seu lugar. Não

disse uma palavra, apenas deixou-o lá para que aprendesse. Mais contido, embora cheio de indagações, Hércules percorreu longas distâncias sem rumo certo, prosseguindo em sua busca. Aprendera muito durante o ano que passara preso ao altar e agora percorria o Caminho com maior sabedoria. Por todos os caminhos a busca prosseguiu; de norte a sul e de leste a oeste foi procurada a árvore, mas não encontrada. Até que um dia, esgotado pelo medo e pela longa viagem, ele ouviu, de um peregrino que passava no caminho, rumores de que, perto de uma montanha distante a árvore seria encontrada, a primeira afirmação verdadeira que lhe fora feita até então. Assim, ele retrocedeu sobre seus passos em direção às altas montanhas do leste, e num certo dia, brilhante e ensolarado, ele viu o objeto de sua busca e então apresou o passo. “Agora tocarei a árvore sagrada”, gritou em meio à sua alegria, “montarei o dragão que a guarda; e verei as belas renomadas virgens; e colherei as maçãs.” Mas novamente foi detido por um sentimento de profunda tristeza. À sua frente estava Atlas, cambaleante sob o peso dos mundos às suas costas. Sua face estava vin-

cada pelo sofrimento; seus membros vergados pela dor; seus olhos cerrados em, agonia; ele não pedia auxílio; ele não viu Hércules; apenas lá estava, curvado pela dor, pelo peso dos mundos. Trêmulo, Hércules observava e avaliava o quanto havia de peso e de dor. E esqueceu sua busca. A árvore sagrada e as maçãs desapareceram de sua mente; ele só pensava em como ajudar o gigante e isso sem demora; correu para ele e animadamente retirou a carga dos ombros de seu irmão, passou-a para suas próprias costas, agüentando ele mesmo a carga dos mundos. Cerrou os olhos, enrijecendo os músculos sob o es-

cada pelo sofrimento; seus membros vergados pela dor; seus olhos cerrados em, agonia; ele não pedia auxílio; ele não viu Hércules; apenas lá estava, curvado pela dor, pelo peso dos mundos. Trêmulo, Hércules observava e avaliava o quanto havia de peso e de dor. E esqueceu sua busca. A árvore sagrada e as maçãs desapareceram de sua mente; ele só pensava em como ajudar o gigante e isso sem demora; correu para ele e animadamente retirou a carga dos ombros de seu irmão, passou-a para suas próprias costas, agüentando ele mesmo a carga dos mundos. Cerrou os olhos, enrijecendo os músculos sob o es-

forço, e então eis que a carga se desprende e lá estava ele livre, como Atlas. Diante dele, as mãos estendidas num gesto de amor, o gigante ofereceu a Hércules as maçãs de ouro. Era o fim da busca. As virgens trouxeram mais maçãs de ouro e também as depositaram em suas mãos e Aegle, a bela virgem que é a glória do sol poente, disse-lhe: “O Caminho que traz a nós é sempre marcado pelo serviço. Atos de amor são sinalizações no Caminho.” Então, Eritéia, a guardiã do portão que todos devem atravessar antes de se apresentarem diante do Criador, deu-lhe uma maçã na qual estava inscrita em luz a palavra de ouro SERVIÇO. “Lembra-te disto” disse ela “jamais te esqueças.” Por último veio Héspero, a maravilha da estrela vespertina, que com clareza e amor disse: “Vai e serve, e a partir de hoje e para sempre, palmilha o caminho de todos os servidores do mundo.” “Então eu devolvo estas maçãs para aqueles que virão”, disse Hércules, e retornou ao lugar de onde viera. Então ele ouviu a voz de seu Mestre, que lhe falava pela primeira vez desde que iniciara o Caminho: “Não houve retardamento. A regra que acelera todo o sucesso na senda escolhida é Aprender a servir”.

Este Trabalho, no signo de Gêmeos, é relacionado com o trabalho ativo do aspirante no plano físico à proporção que ele chega a uma compreensão de si mesmo. Antes que este trabalho ativo se torne possível, deve haver um ciclo de pensamento interior e anseio místico; a aspiração à visão e um processo subjetivo desenvolvido, talvez por longo tempo, antes que o homem, no plano físico, comece o trabalho de unificação de alma e corpo. Este é o tema deste trabalho. É neste plano físico de realização, e no trabalho de obter as maçãs de ouro da sabedoria, que a prova real da sinceridade do aspirante tem lugar. Um anseio de ser bom, um profundo desejo de averiguar os fatos da vida espiritual, esforços para auto-disciplina, oração e meditação, precedem quase que inevitavelmente, este real e tenaz esforço. O visionário

precisa tornar-se um homem de ação; o desejo tem que ser trazido para o mundo da concretização, e é nisto que consiste a prova de Gêmeos. O plano físico é o lugar onde se obtém a experiência e onde as causas, que foram iniciadas no mundo do esforço mental, têm que se manifestar e alcançar objetividade. É também o lugar onde o mecanismo de contato se desenvolve, onde, pouco a pouco, os cinco sentidos abrem ao ser humano, novos campos de percepção e lhe oferecem novas esferas de conquistas e realização. É o lugar, portanto, onde o conhecimento é obtido, e onde esse conhecimento tem que ser transmutado em sabedoria. Conhecimento é a busca do sentido, enquanto que sabedoria é o onisciente e sintético conhecimento da alma. Contudo, sem compreensão na aplicação do conhecimento, nós perecemos; pois compreensão é a aplicação do conhecimento sob a luz da sabedoria aos problemas da vida e à conquista da meta. Neste trabalho, Hércules defronta-se com a tremenda tarefa de aproximar os dois pólos de seu ser e de coordenar, ou unificar, alma e corpo, de modo que a dualidade dê lugar à unidade e os pares de opostos se mesquem.

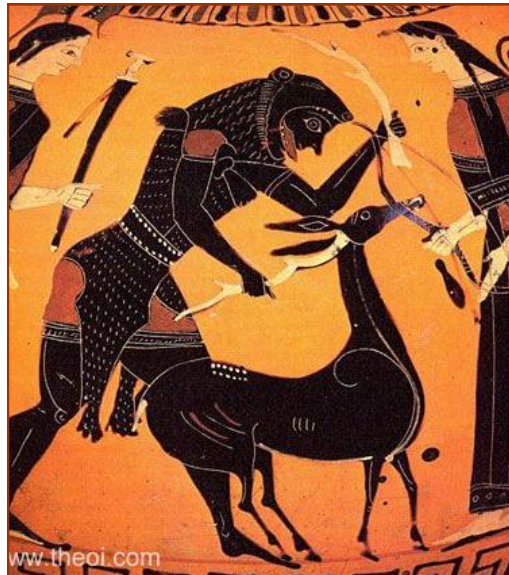
4º Trabalho

"A Captura da Corsa"

**significando o desenvolvimento
da intuição.**

Hércules foi incumbido de capturar a corsa com galhada de ouro. Olhando ao redor de si, viu que, ao longe, erguia-se o Templo do Deus-Sol. No alto de uma colina próxima viu o esguio cervo, objeto de seu quarto trabalho. Foi então que Ártemis, que tem sua morada na lua, disse a Hércules, em tom de advertência: “A corça é minha, portanto não toque nela. Por longos anos eu a alimentei e cuidei dela. O cervo é meu e meu deve permanecer.” Então, de um salto surgiu Diana, a caçadora dos céus, a filha do sol. Pés calçados de sandálias, em passos largos movendo-

se em direção ao cervo, também ela reclamou a sua posse. “Não, Ártemis, belíssima donzela, não; o cervo é meu e meu deve permanecer”, disse ela. “Até hoje ele era jovem demais, mas agora ele pode ser útil. A corça de galhada de ouro é minha, e minha permanecerá.” Hércules observava e ouvia a disputa e se perguntava porque as donzelas lutavam pela posse da corça. Uma outra voz atingiu-lhe os ouvidos, uma voz de comando que dizia: “A corça não pertence a nenhuma das duas donzelas, oh Hércules, mas sim ao Deus cujo santuário podes ver sobre aquele monte distante. Salva-a, e leva-a para a segurança do santuário, e deixa-a lá. Coisa simples de se fazer, oh filho do homem, contudo, e reflete bem sobre minhas palavras; sendo tu um filho de Deus, deves ir à sua procura e agarrar a corça. Vai.” De um salto Hércules lançou-se à caçada que o esperava. À distância, as donzelas em disputa tudo observavam. Ártemis, a bela, apoiada na lua e Diana, a bela caçadora dos bosques de Deus, seguiam os movimentos da corça e, quando surgia uma oportunidade, ambas iludiam Hércules, procurando anular seus esforços. Ele perseguiu a corça de um ponto a outro e cada uma delas sutilmente o enganava. E assim o fizeram muitas e muitas vezes. Durante um ano inteiro, o filho do homem que é um filho de Deus, seguiu a corça por toda a parte, captando rápidos vislumbres de sua forma, apenas para descobrir que ela desaparecera na segurança dos densos bosques. Correndo de uma colina para outra, de bosque em bosque, Hércules a perseguiu até que à margem de uma tranqüila lagoa, estendida sobre a relva ainda não pisada, ele viu-a a dormir, exausta pela fuga. Com passos silenciosos, mão estendida e olhar firme, ele lançou uma fle-



cha, ferindo-a no pé. Reunindo toda a vontade de que estava possuído, aproximou-se da corça, e ainda assim, ela não se moveu. Assim, ele foi até ela, tomou-a nos braços, e enlaçou-a junto ao seu coração, enquanto Ártemis e a bela Diana o observavam. “Terminou a busca”, bradou ele. “Para a escuridão do norte fui levado e não encontrei a corça. Lutei para abrir meu caminho através de cerradas, profundas matas, mas não encontrei a corça; e por lúgubres planícies e áridas regiões e selvagens desertos eu persegui a corça, e ainda assim não a encontrei. A cada ponto alcançado, as donzelas desviavam meus passos, porém eu persisti, e agora a corça é minha! A corça é minha!” “Não, não é, oh Hércules”, disse a voz do Senhor. “A corça não pertence a um filho do homem, mesmo embora sendo um filho de Deus. Carrega a corça para aquele distante santuário onde habitam os filhos de Deus e deixa-a lá com eles.” “Por que tem que ser assim, oh Senhor? A corça é minha; minha, porque muito peregrinei à sua procura, e mais uma vez minha, porque a carreguei junto ao coração.”

“E não és tu um filho de Deus, embora um filho do homem? E não é o santuário também a tua morada? E não compartilhas tu da vida de todos aqueles que lá habitam? Leva para o santuário de Deus a corça sagrada, e deixa-a lá, oh filho de Deus.” Então, para o santuário sagrado de Micenas, levou Hércules a corça; carregou-a para o centro do lugar santo e lá a depositou. E ao deitá-la lá diante do Senhor, notou o ferimento em seu pé, a ferida causada pela flecha do arco que ele possuía e usara. A corça era sua por direito de caça. A corça era sua por direito de habilidade e destreza de seu braço. “Portanto a corça é duplamente minha”, disse ele. Porém, Árte-

mis, que se achava no pátio externo do sacratíssimo lugar ouviu seu brado de vitória e disse: “Não, não é. A corça é minha, e sempre foi minha. Eu vi sua forma, refletida na água; eu ouvi seus passos pelos caminhos da terra; eu sei que a corça é minha, pois todas as formas são minhas.” Do lugar sagrado, falou o Deus-Sol. “A corça é minha, não tua, oh Ártemis! Seu espírito está comigo por toda a eternidade, aqui no centro deste santuário sagrado. Tu, Ártemis, não podes entrar aqui, mas sabes que eu digo a verdade. Diana, a bela caçadora do Senhor, pode entrar por um momento e contar-te o que vê.” A caçadora do Senhor entrou por um momento no santuário e viu a forma daquilo que fora a corça, jazendo diante do altar, parecendo morta. E com tristeza ela disse: “Mas se seu espírito permanece contigo, oh grande Apolo, nobre filho de Deus, então sabes que a corça está morta. A corça está morta pelo homem que é um filho do homem, embora seja um filho de Deus. Por que pode ele passar para dentro do santuário enquanto nós esperamos pela corça lá fora?” “Porque ele carregou a corça em seus braços, junto ao coração, e a corça encontra repouso no lugar sagrado, e também o homem. Todos os homens são meus. A corça é igualmente minha; não vossa, nem do homem, mas minha.” Hércules então diz ao Mestre: “Cumprí a tarefa indicada. Foi simples, a não ser pelo longo tempo gasto e o cansaço da busca. Não dei ouvidos àqueles que faziam exigências, nem vacilei no Caminho. A corça está no lugar sagrado, junto ao coração de Deus, da mesma forma que, na hora da necessidade, está também junto ao meu coração.” “Vai olhar de novo, oh Hércules, meu filho”. E Hércules obedeceu. Ao longe se descortinavam os belos contornos da região e no horizonte distante erguia-se o templo do Senhor, o santuário do Deus-Sol. E numa colina próxima via-se uma esguia corça. “Realizei a prova, oh Mestre? A corça está de volta sobre a colina, onde eu a vi anteriormente.” E, o Mestre respondeu: “Muitas e muitas vezes precisam todos os filhos dos

homens, que são os filhos de Deus, sair em busca da corça de cornos de ouro e carregá-la para o lugar sagrado; muitas e muitas vezes. O quarto trabalho está terminado, e devido à natureza da prova e devido à natureza da corça, a busca tem que ser freqüente e não te esqueças disto: medita sobre a lição aprendida.”

Este trabalho está associado ao signo de Câncer. Nos quatro primeiros signos o aspirante prepara seu equipamento e aprende a utilizá-lo. Em Áries ele se apossa de sua mente e procura submetê-la, aprendendo o controle mental. Em Touro, “a mãe da iluminação”, ele recebe o primeiro lampejo daquela luz espiritual cujo brilho aumentará progressivamente à medida que ele se aproxima de sua meta. Em Gêmeos, ele não só se apercebe dos dois aspectos de sua natureza, como o aspecto imortal começa a crescer às custas do mortal. Agora, em Câncer, ele tem seu primeiro contato com aquele sentido mais universal que é o aspecto superior da consciência da massa. Equipado com uma mente controlada, com uma capacidade para registrar a iluminação, habilidade para estabelecer contato com seu aspecto imortal e reconhecer intuitivamente o reino do espírito, ele está pronto para o trabalho maior. Vimos que a corça era sagrada para Ártemis, como o instinto animal; para Diana, como o intelecto e para Apolo, como a intuição. Cada um deles via nela um aspecto, porém Hércules, o caçador, viu nela algo mais: a intuição espiritual, essa extensão da consciência, esse altamente desenvolvido sentido de viva percepção que dá aos discípulos a visão de novos campos de contato e lhe revela um novo mundo. Ele tem que aprender a usar o intelecto sob a influência de Diana, e por meio dele entrar em sintonia com o mundo das idéias e da pesquisa humanas. Tem que aprender a levar essa capacidade que possui para o templo do Senhor e lá, vê-la transmutada em intuição, e por meio da intuição tomar consciência das coisas do espírito e daquelas realidades espirituais que nem o ins-

tinto, nem o intelecto lhe podem revelar. O que freqüentemente nos esquecemos é que, na verdade, não existem distinções nítidas entre os vários aspectos da natureza do homem, mas que todas são fases de uma mesma realidade. As palavras instinto, intelecto e intuição são apenas aspectos variados da consciência e da resposta ao meio e ao mundo no qual o homem se encontra.

5° Trabalho

"A Morte do Leão de Neméia"

significando que baseado nos "trabalhos" anteriores se deve aprender a utilizar o poder e a coragem

Hércules, descansando de seus trabalhos, desconhecia a próxima prova. Sentia-se forte e passava os dias perseguindo a corça sagrada até o templo do Senhor. Chegou um momento em que a tímida corça conheceu bem o caçador que a perseguia, e mansamente submeteu-se ao seu comando. Assim, muitas e muitas vezes, ele carregava-a junto ao coração e dirigia-se ao templo do Senhor. Assim descansava nosso herói. Foi então que lhe indicaram o Quinto Trabalho e para executá-lo, Hércules armou-se até os dentes, enquanto os deuses observavam-lhe os passos e as mãos firmes e o olhar decidido. Porém, no fundo de seu coração havia dúvidas. "Que estou fazendo aqui?" disse ele. "Qual é a prova, e por que razão estou assim armado?" "Soou um chamado, oh Hércules, um chamado de profunda angústia. Teus ouvidos externos não responderam a esse chamado, e contudo, o ouvido interno conhece bem a necessidade, pois ouviu uma voz, sim, muitas vezes, falando-te da necessidade e incitando-te a ousar mais. O povo de Neméia procura tua ajuda. Eles estão sofrendo muito. Notícias de tuas proezas se espalharam. Eles te procuram para que mates o leão que devasta sua terra e vitima seus homens." "É dele este som selvagem que eu escuto? É o rugido de um leão atravessando o ar que estou ouvindo?"

do?", perguntou Hércules. E o Mestre respondeu-lhe: "Vai. Procura o leão que devasta as terras que se estendem além. O povo dessa terra vive silenciosamente a portas fechadas, não ousam sair para suas tarefas; não cultivam a terra, não semeiam. De norte a sul, de leste a oeste ronda o leão, e nessa ronda furtiva apodera-se de todos os que cruzam o seu caminho. Seu temível rugido é ouvido durante a noite e todos tremem por trás das portas trancadas. Que farás tu, Hércules?" E Hércules, o ouvido atento, respondeu à necessidade. Sobre o caminho ele depositou suas armas, retendo para seu uso o tacape que cortara com suas próprias mãos de uma tenra e verdejante árvore. Ele acreditava que o belo conjunto de armas tornavam-no pesado e retardariam seus passos. Não precisaria de nada mais a não ser o seu forte tacape; e com ele e o seu coração destemido, caminharia à procura de leão. Mandou avisar o povo de Neméia que estava a caminho e disse que expulsassem o medo de seus corações. Hércules andou muito procurando o leão. Encontrou os habitantes de Neméia escondidos atrás de portas fechadas, a não ser por alguns poucos que se aventuravam a sair movidos pela necessidade ou pelo desespero. A princípio aclamavam Hércules com júbilo, depois com dúvida ao verem que ele estava desarmado. Diziam-lhe que fosse buscar suas armas porque o leão era muito perigoso e forte, porém ele não lhes respondia e continuava seguindo o rastro e o rugido do leão. Perguntava aqui e ali onde estava o leão e alguém lhe disse que o havia visto perto de sua toca e Hércules para lá se dirigiu, com medo, mas destemidamente; sozinho, contudo não solitário, pois havia outros que acompanhavam seus passos, esperançosos. Repentinamente ele viu o leão que ao ver Hércules como um inimigo que não demonstrava medo, rugiu violentamente fazendo tremer as árvores. Hércules correu ao encontro do leão, gritando loucamente. O animal parou estupefato diante de uma proeza que ele jamais vira, pois Hércules continuava avançando. De repente o leão deu meia volta e cor-

reu, à frente de Hércules e desapareceu misteriosamente. Hércules vasculhou todo o Caminho cuidadosamente até que descobriu uma caverna de onde partiu um trovejante rugido. Ele penetrou na caverna escura e saiu do outro lado, para a luz do dia, sem encontrar o leão. Ali parado ouviu o leão às suas costas, não à sua frente. “Que farei?” pensou, “esta caverna tem duas entradas e enquanto eu entro por uma o leão sai pela outra e entra por aquela por onde acabei de passar. Que farei? Não tenho armas: Como matar o leão para salvar o povo de suas garras? Que farei?” Enquanto pensava, olhava ao redor buscando uma solução e ouvia o rugido do leão. Então viu algumas pilhas de toras e gravetos em profusão. Puxou-os e arrastou-os com toda a sua força, bloqueou ambas as saídas, encerrando-se a si próprio e ao leão dentro da caverna. Com as mãos nuas agarrou o leão, prendendo-o ao seu próprio corpo, apertando-lhe o pescoço. O hálito do leão queimava-lhe o rosto, mas sem afrouxar suas mãos, mantinha-o preso. Os rugidos tornaram-se cada vez mais débeis; seu corpo amolecia e escorregava. E, assim, sem armas, com suas próprias mãos e sua própria força, ele matou o leão, tirou-lhe a pele e mostrou-a ao povo do lado de fora da caverna. Em triunfo, Hércules retornou ao seu Mestre, depositou a pele do leão aos seus pés e teve permissão para usá-la em substituição à velha e gasta pele que usava.

Este Trabalho associa-se ao signo de Leão. O Quinto Trabalho, o quinto signo. Este é o trabalho mais conhecido de Hércules e se distingue por ser o de número cinco que contém em si mesmo um profundo significado. Do ponto de vista do ocultismo, o número cinco representa o homem, porque o homem é um divino filho de Deus, mais o quaternário que consiste na sua natureza quádrupla inferior: o corpo mental, o corpo emocional, o corpo vital e o corpo físico. Em Áries, a alma tomou para si o tipo de matéria que lhe permitiria entrar em relação com o

mundo das idéias. Revestiu-se de um envólucro mental. O homem tornou-se uma alma pensante. Em Touro, fez o contato com o mundo do desejo e seguiu-se um processo idêntico. Fez contato com o mundo do sentimento e da emoção e o homem tornou-se uma alma que sente. Em Gêmeos, foi construído um novo corpo de energia vital através da reunião das energias da alma e da matéria e o homem tornou-se uma alma vivente. Em Câncer, que é o signo do nascimento físico e da identificação da unidade com a massa, o trabalho da encarnação foi completado e a natureza quádrupla manifestada. Mas é em Leão que o homem se torna a “estrela de cinco pontas”, pois essa estrela é o símbolo da individualização, da sua humanidade, do ser humano que sabe que é um indivíduo e toma consciência de si mesmo como “EU”. Aqui a relação entre o Quinto Mandamento com o Quinto Trabalho e o quinto signo torna-se clara: “Honra teu pai e tua mãe para que teus dias se tornem longos na terra que o Senhor, teu Deus, te deu”, pois em Leão, Pai-Espírito e a Mãe-Matéria se unem no indivíduo e dessa união resulta aquela entidade consciente que é a alma. Leão é também o signo no qual o homem auto-consciente começa seu treinamento para a iniciação. Quando o trabalho deste signo termina, começa o treinamento específico da iniciação, em Capricórnio. Dois pensamentos bíblicos resumem a lição deste Trabalho: “Seu adversário, o diabo, como um leão rugindo, se movimenta, procurando a quem possa devorar.” (Epístola de São Pedro). “Eis que o Leão da tribo de Judah, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.” (Revelações 5:5). O Leão de Neméia representa essencialmente a personalidade coordenada, dominante. Aqui, o aspirante, o leão de Judah, tem que matar o leão de sua personalidade. Tendo emergido da massa, e desenvolvido a individualidade, ele tem então de matar aquilo que ele criou; ele tem que tornar inútil aquilo que fora o grande agente protetor até o tempo atual. O egoísmo, o

instinto de auto-proteção, tem que dar lugar ao altruísmo, que é literalmente a subordinação do ego ao todo.

6° Trabalho

"A Tomada do Cinturão de Hipólita"

significando a preparação do discípulo, a primeira iniciação

Este Trabalho leva Hércules até as praias onde vivia a grande rainha, que reinava sobre todas as mulheres do mundo então conhecido. Elas eram suas vassalas e guerreiras ousadas. Nesse reino não havia homens, só as mulheres reunidas em torno da sua rainha, Hipólita. A ela pertencia o cinturão que lhe fora dado por Vênus, a rainha do amor. Aquele cinturão era um símbolo da unidade conquistada através da luta, do conflito, da aspiração, da maternidade e da sagrada Criança para quem toda a vida humana está verdadeiramente voltada. "Ouvi dizer", disse Hipólita às guerreiras, "que está a caminho um guerreiro cujo nome é Hércules, um filho do homem e no entanto um filho de Deus; a ele eu devo entregar este cinturão que eu uso. Deverei obedecer a ordem, oh Amazonas, ou deveremos combater a palavra de Deus?" Enquanto as Amazonas refletiam sobre o problema, foi passada uma informação, dizendo que ele se havia adiantado e estava lá, esperando para tomar o sagrado cinturão da rainha guerreira. Hipólita dirigiu-se ao encontro de Hércules. Ele lutou com ela, combateu-a, e não ouviu as palavras sensatas que ela procurava dizer. Arrancou-lhe o cinturão, somente para deparar-se com as mãos dela estendidas e lhe oferecendo a dádiva, oferecendo o símbolo da unidade e amor, de sacrifício e fé. Entretanto, tomando-o, ele, matou quem lhe dera o que ele exigira. E enquanto estava ao lado da rainha agonizante, consternado pelo que fizera, ele ouviu a voz do Mestre que dizia: "Meu filho, por que matar aquilo que é necessário, próximo e caro? Por que matar a quem você ama, a doadora

das boas dádivas, guardiã do que é possível? Por que matar a mãe da Criança sagrada? Novamente registramos um fracasso (recorde-se na morte de Abderis no Primeiro Trabalho). Novamente você não compreendeu. Ou redimirá este momento, ou não verá mais a minha face." Hércules partiu em silêncio deixando as mulheres lamentando a perda da liderança e do amor. Quando ele chegou às costas do grande mar, perto da praia rochosa ele viu um monstro das profundezas trazendo presa em suas mandíbulas a pobre Hesione. Seus gritos e suspiros elevavam-se aos céus e feriram os ouvidos de Hércules, perdido em remorsos e sem saber que caminho seguir. Dirigiu-se prontamente em sua ajuda quando ela desapareceu nas cavernosas entranhas da serpente marinho, mas esquecendo-se de si mesmo, Hércules nadou até o monstro e desceu até o fundo de seu estômago onde encontrou Hesione. Com sua mão esquerda ela a agarrou e a sustentou junto a si, enquanto com sua espada ele esforçou-se para abrir caminho para fora do ventre da serpente até a luz do dia. E assim ele a salvou, equilibrando seu feito anterior de morte. Pois assim é a vida: um ato de morte, um ato de vida, e assim os filhos dos homens, que são filhos de Deus, aprendem a sabedoria, o equilíbrio e o caminho para andar com Deus.

Este trabalho esta associado à Virgem, signo onde a consciência de Cristo é concebida e nutrida através do período de gestação até que por fim em Peixes, o signo oposto, o salvador mundial nasce. Note-se que nos dois Trabalhos onde Hércules vence, na verdade são os dois onde ele se saiu mal justamente com seus opostos, femininos (as éguas bravias e a rainha das Amazonas). Assim a guerra entre os sexos é de origem antiga, na verdade, está inerente na dualidade da humanidade. O Leão é o rei dos animais. Nele, alcançamos a personalidade integrada; mas em Virgem é dado o primeiro passo para a espiritualidade, a alma é chamada de filho da mente, e Virgem é regida por Mercúrio, que

leva a energia da mente. O mau uso da matéria é um pecado contra o Espírito Santo. Foi este pecado, o maior de toda sua peregrinação, que Hércules cometeu em Virgem, quando ele não compreendeu que a rainha das Amazonas devia ser redimida pela unidade, não morta. Ainda cometemos o erro de Hércules, quando esquecemos que o triângulo da Trindade é um triângulo equilátero com todos os ângulos sendo de igual importância para a consumação do Plano Divino. É em Virgem, após a completa individualização em Leão, que o primeiro passo para a missão do espírito e a matéria é dado, a subordinação da vida da forma à vontade do Cristo que nela habita.

7º Trabalho

"A Captura do Javali de Erimanto"

significando a aquisição e integração

do equilíbrio dos opostos.

A segunda iniciação

Neste Sétimo Trabalho, Hércules é incumbido de capturar o Javali de Erimanto, sem contudo saber que este trabalho era na verdade uma dupla prova: a prova da amizade rara e da coragem destemida. Foi-lhe recomendado que procurasse pelo javali e Apolo lhe deu um arco novo para usar, porém Hércules disse que não o levaria consigo, porque temia matar. Ele disse: "Eu não o levarei comigo neste trabalho, pois temo matar. Em meu último trabalho nas praias do grande mar, eu matei. Desta vez não farei isso. Deixo aqui o arco." E assim desarmado, a não ser por sua clava, ele escalou a montanha, procurando pelo javali e encontrando um espetáculo de medo e terror por toda parte. Mais e mais ele subia e então encontrou um amigo, Pholos, que fazia parte de um grupo de centauros, conhecidos dos deuses. Eles pararam e conversaram e por algum tempo Hércules esqueceu-se do objetivo de sua

busca. E Pholos convidou Hércules para furar um barril de vinho, que não era dele, mas do grupo de centauros e que viera dos deuses, juntamente com a ordem de que eles jamais deveriam furar o barril, a não ser quando todos os centauros estivessem presentes, já que ele pertencia ao grupo. Mas Hércules e Pholos o abriram na ausência de seus irmãos, convidando Cherion, um outro sábio centauro, para se juntar a eles. Assim ele fez, e os três beberam e festejaram e se embebedaram e fizeram muito ruído que foi ouvido pelos outros centauros. Enraivecidos eles vieram e uma feroz batalha se seguiu e uma vez mais Hércules se fez mensageiro da morte e matou seus amigos, a dupla de centauros com quem ele antes havia bebido. E, enquanto os demais centauros com altos lamentos choravam suas perdas, Hércules escapou novamente para as altas montanhas e reiniciou sua busca pelo javali. Até os limites das neves ele avançou, seguindo a pista do animal, mas não o encontrava. Depois de muito pensar, Hércules colocou uma armadilha habilidosamente oculta e esperou nas sombras pela chegada do javali. Quando a aurora surgiu, o javali saiu de sua toca levado por uma fome atroz e caiu na armadilha de Hércules que, no tempo devido, libertou a fera selvagem, tornando-a prisioneira de sua habilidade. Ele lutou com o javali e o domesticou, e fê-lo fazer o que lhe determinava e seguir para onde Hércules desejava. Do pico nevado da alta montanha Hércules desceu, regozijando-se no caminho, levando adiante de si, montanha abaixo, o feroz, contudo domesticado javali. Pelas duas pernas traseiras ele conduziu o javali, e todos na montanha se riam ao ver o espetáculo. E todos os que encontravam Hércules, cantando e dançando pelo caminho, também riam ao ver sua caminhada. E todos na cidade riram ao ver o espetáculo: o exausto javali e o homem cantando, rindo. Quando reencontrou seu Mestre, este lhe disse: "O sétimo trabalho foi completado. Medita sobre as lições do passado, reflete sobre as provas. Por duas vezes mataste a

quem amavas. Aprende por que.” E Hércules permaneceu onde estava, preparando-se para o que mais tarde iria ocorrer: a prova suprema.

Este Sétimo Trabalho está associado ao signo de Libra, que é o signo mais difícil de compreender. É o primeiro signo que não tem um símbolo humano ou animal, mas sustentando a balança, está a figura da Justiça – uma mulher com os olhos vendados. Ele se apresenta com muitos paradoxos e extremos, dependendo de se o discípulo que se voltou conscientemente para o caminho de volta ao Criador segue o zodíaco segundo os ponteiros do relógio, ou no caminho inverso. Diz-se que é um interlúdio, comparável com a silenciosa escuta na meditação; um tempo de cobranças do passado. Neste ponto percebemos como o equilíbrio dos pares de opostos deve ser atingido. A balança pode oscilar do preconceito até a justiça ou julgamento; da dura estupidez à sabedoria entusiástica. Neste majestoso signo de equilíbrio e justiça nós verificamos que a prova termina numa explosão de riso, o único trabalho em que isso acontece. Descendo a montanha veio Hércules, empurrando o javali como um carrinho de mão, cantando e rindo, e todos os que o observavam riam com ele prazerosamente; e isto apesar do fato que novamente Hércules cometera um grave erro. Foi-lhe recomendado que guardasse tempo para comer e ele desperdiçou-o numa bebedeira com dois velhos amigos centauros. Eles furaram o barril de vinho que somente deveria ser aberto por e para o grupo. Muito se poderia dizer sobre isso, mas é mais válido que cada leitor medite e encontre suas próprias respostas. Também devemos pensar que enquanto Hércules tomou todas as precauções para não matar o javali, acabou matando os dois amigos. Assim a tentação nos persegue quando pensamos que conseguimos já haver removido as ciladas do caminho. Mas quando o Mestre o compreende o faz levemente. Neste Trabalho não houve louvor especial, ele apenas passou pela tarefa, mas o Trabalho foi declarado ter-

minado. Justiça com misericórdia: “Se Tu ó Deus, fordes extremo para marcar o que é feito de maneira imprópria, oh Senhor, quem poderá habitá-Lo?”

8º Trabalho

"A Destruição da Hidra de Lerna"

significando o controle e superação dos desejos. Sua maior prova

Conta a lenda que na antiga terra de Argos ocorreu uma seca. Amímona que reinava nessas terras, procurou a ajuda de Netuno. Este recomendou que se batesse numa rocha, e quando isto foi feito, começaram a correr três correntes cristalinas; mas logo uma hidra fez ali sua morada. O Mestre disse a Hércules: “Para além do Rio Amímona, fica o fétido pântano de Lerna, onde está a hidra, uma praga para as redondezas. Nove cabeças têm esta criatura, e uma delas é imortal. Prepara-te para lutar com essa asquerosa fera e não penses que os meios comuns serão de valia; se uma cabeça for destruída, duas aparecerão em seu lugar.” Hércules estava ansioso e antes de partir, seu Mestre ainda lhe disse: “Uma palavra de aconselhamento só, posso dar. Nós nos elevamos, nos ajoelhando; conquistamos, nos rendendo; ganhamos, dando. Vai, oh filho de Deus e filho do homem, e conquista.” Chegando ao estagnado pântano de Lerna, que era um charco que desanimava quem dele se aproximasse e cujo mau cheiro poluía toda a atmosfera em um raio de sete milhas; Hércules teve que fazer uma pausa pois o simples odor por pouco o derrotava. As areias movediças eram uma ameaça e mais uma vez Hércules rapidamente retirou seu pé para não ser sugado para dentro da terra que cedia. Finalmente ele descobriu onde se ocultava a hidra. Numa caverna de noite perpétua vivia a fera, porém não se mostrava e Hércules inutilmente vigiava. Recordando a um stratagem, ele embebeu suas setas em piche ardente e as despejou diretamente para o interior da caverna onde habi-

tava a horrenda fera. Uma enorme agitação se seguiu e a hidra com suas nove zangadas cabeças emergiu, chicoteando a água e a lama furiosamente. Com três braços de altura, algo tão feio como se tivesse sido feito de todos os piores pensamentos concebidos desde o começo dos tempos. A hidra atacou, procurando envolver os pés de Hércules que saltou e deu-lhe um golpe tão severo que logo decepou uma das cabeças, mas mal a horrosa cabeça tocou o solo, duas cresceram em seu lugar. Repetidamente Hércules atacou o monstro, mas ele ficava cada vez mais forte. Então Hércules lembrou do que lhe dissera o Mestre: “nós nos levantamos, ajoelhando”. Pondo de lado sua clava, Hércules se ajoelhou, agarrou a hidra com suas mãos nuas e a ergueu. Suspensa no ar, sua força diminuiu. De joelhos, então, ela sustentou a hidra no alto, acima dele, para que o ar purificado e a luz pudessem fazer seu efeito. O monstro, forte na escuridão e no lodo, logo perdeu sua força quando os raios do sol e o toque no vento o atingiram. As nove cabeças caíram, mas somente quando elas jaziam sem vida Hércules percebeu a cabeça mística que era imortal. Ele decepou essa cabeça e a enterrou, ainda sibilante, sob uma rocha.



Este Trabalho está associado ao signo de Escorpião. O verdadeiro teste de Escorpião nunca tem lugar antes que o estudante fique coordenado, antes que a mente, a natureza emocional e a natureza física estejam funcionando como uma unidade. Então o homem entra em Escorpião onde seu equilíbrio é subvertido e o desejo parece exagerado, quando ele pensava que se havia livrado dele. Aqui ele descobre que a personalidade não

deve ser morta, nem pisoteada; ela deve ser reconhecida como um triplo canal de expressão para três aspectos divinos. Tudo depende de se nós usamos a tríplice personalidade para fins egoístas. Resumindo: em Escorpião o Ego está determinado a matar o pequenino ego para ensinar-lhe o significado da ressurreição. Em Escorpião também, o homem é testado para ver quem vai triunfar, a forma ou o Cristo, o Eu Superior ou o eu inferior, o real ou o irreal, a verdade ou a ilusão. Foi dito a Hércules que encontrasse a hidra de nove cabeças que vivia num fétido e úmido pântano. Este monstro tem seu contra parte que habita nas cavernas da mente, na escuridão e lama dos recessos obscuros da mente,

ele floresce. Profundamente alojada nas regiões subterrâneas do subconsciente, ora calma, ora explodindo em tumultuado frenesi, a fera estabelece morada permanente. Não é fácil descobrir sua existência e lutar contra um inimigo tão formidável é de fato uma tarefa heróica para o homem. Uma cabeça decepada, e eis que outra

cresce em seu lugar. Toda vez que um desejo ou pensamento baixo é eliminado, outro toma o seu lugar. Hércules fez três coisas: ele reconhece a existência da hidra, procura pacientemente por ela, e finalmente a destrói. É necessário ter discriminação para reconhecer sua existência; paciência para descobrir sua toca; humildade para trazer lodosos fragmentos do subconsciente à superfície, e expô-los à luz da sabedoria. Enquanto ele lutou no pântano, em meio à lama e às areias movediças, ele foi incapaz de dominar a hidra. Ele teve de erguer o monstro no ar; isto é, deslocar seu problema para outra dimensão, para poder resolvê-lo. Com toda a humildade,

ajoelhando-se na lama, ele teve de examinar seu dilema à luz da sabedoria e na elevada atmosfera do pensamento que buscava. É dito que uma das cabeças é imortal o que implica que toda dificuldade, por mais terrível que possa parecer, contém uma jóia de grande valor. Nenhuma tentativa para dominar a natureza inferior e descobrir aquela jóia, jamais será fútil. A cabeça imortal, separada do corpo da hidra, é sepultada sob uma rocha, isto implica que a energia concentrada que cria um problema ainda permanece, purificada, redirecionada e aumentada após a vitória ter sido conquistada. Tal poder deve ser corretamente canalizado e controlado. Sob a rocha da vontade persistente, a cabeça imortal se torna uma fonte de poder. A tarefa tinha nove facetas e cada cabeça da hidra representa um dos problemas que assaltam a pessoa corajosa que busca conquistar o domínio de si mesmo. Três dessas cabeças simbolizam os apetites associados com o sexo, o conforto e o dinheiro. Os próximos três dizem respeito às paixões do medo, do ódio e do desejo de poder. As últimas três cabeças representam os vícios da mente não iluminada: orgulho, separabilidade e crueldade. As dimensões da tarefa que Hércules empreendeu são assim claramente aparentes. Ele teve de aprender a arte de transmutar as energias que tão freqüentemente precipitam os seres humanos em tragédias. As nove forças que desde o princípio dos tempos trouxeram destruição entre os homens, tiveram de ser redirecionadas e transmutadas. Ainda aspiramos à conquista espiritual que Hércules alcançou. Os problemas que surgem do mau uso da energia conhecida como sexual ocupam nossa atenção a cada instante. O amor ao conforto, à luxúria e às posses externas ainda cresce. A luta pelo dinheiro como um fim em vez de um meio, reduz as vidas de incontáveis homens e mulheres. Assim a tarefa de destruir as primeiras três cabeças continua a desafiar as forças da humanidade, milhares de anos depois de Hércules haver realizado seu extraordinário feito. As três qualidades do caráter que Hércules tinha de

expressar eram a humildade, a coragem e a discriminação. Humildade para ver seu compromisso objetivamente e reconhecer suas falhas; coragem para atacar o monstro que jazia enroscado nas raízes de sua natureza; discriminação para descobrir uma técnica para enfrentar seu inimigo mortal.

9º Trabalho

"A Morte dos Pássaros de Estínfalo"

significando que o homem

acaba com as tendências

do uso do pensamento destrutivo

Foi dito a Hércules que era chegado o tempo de trilhar um outro caminho. Deveria buscar no pântano de Estínfalo onde habitavam os pássaros destruidores e descobrir, então, o caminho para espantá-los de sua morada tão segura. O Mestre disse-lhe que "A chama que brilha além da mente revela a direção certa." Hércules seguiu o Caminho e procurou longamente, até chegar a Estínfalo. Diante dele estendia-se o fétido pantanal onde uma multidão de pássaros gralhavam roucamente, num coro ameaçador e dissonante, quando ele se aproximou. Cada pássaro tinha um bico de ferro, afiado como uma espada. As penas se assemelhavam a dardos de aço e, caindo, podiam cortar em dois as cabeças dos viajantes. Suas garras competiam com seus bicos em capacidade de corte e força. Três pássaros, percebendo Hércules, arremeteram sobre ele que permaneceu onde estava e revidou aos ataques com a pesada clava que portava. Um dos pássaros foi atingido no dorso e duas penas foram arrojadas ao chão. Por fim, os pássaros se retiraram. Parado à beira do pântano, Hércules pensava em como poderia livrar-se dos terríveis pássaros. Primeiro tentou matá-los com uma chuva de setas. Os poucos que ele matou eram apenas uma fração dos muitos que permaneciam. Eles levantavam vôo em nuvens tão espessas que ocultavam o sol. Ele pensou em por armadilhas no pântano, porém lem-

brou-se do conselho que recebera: “a chama que brilha além da mente revela a direção.” Refletindo longamente, um método lhe veio à mente. Ele possuía dois pratos de bronze que emitiam um som estridente, não terreno; um som tão áspero e tão penetrante que seria capaz de amedrontar os mortos. Para o próprio Hércules o som era tão intolerável que ele cobria ambos os seus ouvidos para protegê-los. Ao anoitecer, quando o pantanal estava recoberto com incontáveis pássaros, Hércules voltou. Ele então tocou os pratos aguda e repetidamente. Um tinido tão estridente então soou, que ele mal pode suportar o som. Tal dissonância, tão agressiva, jamais fora ouvida naquelas paragens. Assustados e perturbados por um ruído tão monstruoso, os pássaros levantaram vôo guinchando em louco espanto, fugindo para nunca mais voltar. Seguiu-se um grande silêncio em todo o pântano e os suaves raios do sol poente embelezavam o lugar.



Este Nono Trabalho está associado ao signo de Sagitário, o arqueiro montado num cavalo branco, algumas vezes representado como o centauro com arco e flechas. Nesses dois modos de representação – o centauro, metade humano e metade animal, o arqueiro no cavalo branco, metade humano e metade divino – temos a história inteira. Um cavalo branco é sempre o símbolo da divindade. Em Sagitário, como em Escorpião, Hércules assumiu e completou o trabalho iniciado em Áries. Em Áries ele lidava com o pensamento em sua fonte, neste signo ele demonstra completo controle do pensamento e da palavra. No momento em que nos libertamos da ilusão, entramos em Sagitário e vemos o objetivo. Nós nunca o

vimos antes, porque entre nós e o objetivo sempre se encontra aquela nuvem de pensamentos-forma que nos impede de vê-la. Falamos sobre amor espiritual, devoção ao Cristo, devoção aos irmãos mais velhos da raça, à alma; e como estamos ocupados com três pensamentos, nós construímos nuvens de pensamentos-forma porque estamos pensando, e ao pensarmos, construímos. Portanto, construímos à nossa volta uma tal nuvem de pensamentos-forma sobre nossas aspirações que não vemos nossas metas. Sagitário é o signo preparatório para Capricórnio e em alguns livros é chamado “o signo do silêncio”, porque esta é a lição de Sagitário: restrição da fala através do controle do pensamento

porque depois de abandonar o uso das formas comuns da fala, tais como falar da vida alheia, então será preciso aprender a silenciar sobre a vida da alma, muita conversa sobre coisas para as quais as pessoas podem não estar preparadas. O reto uso do pensamento, o calar-se, e a conseqüente in-

ofensividade no plano físico, resultam na libertação; pois nós somos conservados na unidade humana não por alguma força externa que nos mantenha ali, mas pelo que nós mesmos temos dito e feito. No momento em que não mantivermos mais relações erradas com as pessoas pelas coisas que dissermos quando deveríamos ter ficado calados, no momento em que paramos de pensar sobre as pessoas, coisas que não deveríamos pensar, pouco a pouco aqueles laços que nos prendem à existência planetária são rompidos, ficamos livres e escalamos a montanha como o bode em Capricórnio. Em Sagitário, o primeiro dos grandes signos universais, vemos a verdade como o todo quando usamos as flechas do

pensamento correto. Todas as várias verdades formam uma Verdade; é disso que nos damos conta em Sagitário.

10° Trabalho

"A Morte de Cérbero"

significando a elevação da personalidade.

A terceira iniciação

O Mestre disse a Hércules: “Enfrentaste com êxito mil perigos, Hércules, e muitas conquistas foram feitas. A sabedoria e a força te pertencem. Farás uso delas para salvar alguém em angústia, uma presa de imenso e infundável sofrimento?” e tocando gentilmente a fronte de Hércules, diante de seu olho interno, surgiu uma visão. Um homem jazia sobre uma rocha e gemia como se seu coração fosse partir-se. Suas mãos e pés estavam acorrentados; as fortes correntes que o prendiam estavam ligadas a anéis de ferro. Um abutre, feroz e audacioso, mantinha-se bicando o fígado da vítima; em conseqüência, uma corrente de sangue jorrava do seu flanco. O homem elevava suas mãos acorrentadas e clamava por socorro; mas suas palavras ecoavam em vão na desolação e eram engolidas pelo vento. A visão desapareceu e o Mestre falou: “Aquele que viste acorrentado se chama Prometeu. Ele sofre assim há muito tempo, e contudo, sendo imortal, não pode morrer. Do céu ele roubou o fogo; por isso foi punido. O lugar de sua morada é conhecido como Inferno, o reino de Hades. Pede-se que sejas o salvador de Prometeu, Hércules. Desde até as profundezas, e de lá liberta-o do sofrimento.” Hércules iniciou sua viagem descendo sempre através das ligações dos mundos da forma. A atmosfera se tornava cada vez mais pesada, a escuridão crescia sempre. E contudo sua vontade estava firme. Essa íngreme descida continuou por longo tempo. Sozinho, e contudo não absolutamente só, ele vagueava, e quando ele procurou em seu íntimo ele ouviu a voz prateada da deusa da Sabedoria, Athena, e as palavras en-

corajadoras de Hermes. Por fim ele chegou a um rio escuro e envenenado que as almas dos mortos tinham que cruzar. Uma moeda tinha de ser dada a Caronte, o barqueiro, para que ele as levasse para o outro lado. O visitante da terra assustou Caronte que levou Hércules ao outro lado, sem lembrar-se de cobrar-lhe. Hércules penetrou o Hades, uma nevoenta e escura região onde as sombras, ou melhor, as conchas dos que haviam partido, esvoaçavam. Quando Hércules percebeu a Medusa, com seu cabelo encaracolado com serpentes sibilantes, ele tomou a espada e tentou atingi-la, mas não bateu senão no ar vazio. Ele seguiu pelos caminhos labirínticos até chegar á corte do rei que governava o mundo subterrâneo, Hades. Este, inflexível, severo e com semblante ameaçador, sentava-se em seu negro trono quando Hércules de aproximou. “Que procuras, um mortal vivo, em meus reinos?” Hades o interpelou. Hércules disse, “Procuro libertar Prometeu.” “O caminho está guardado pelo cão Cérbero, um cão com três grandes cabeças, cada uma com serpentes enroladas em torno”, replicou Hades. “Se puderes derrotá-lo com tuas mãos vazias, um feito que ninguém jamais realizou, poderá libertar o sofredor Prometeu”. Satisfeito com a resposta, Hércules prosseguiu até deparar-se com o cão de três cabeças e ouviu seu feroz latido. Ameaçador, avançou para Hércules que agarrou a primeira cabeça e a manteve presa em seus braços enquanto o monstro debatia-se. Finalmente sua força cedeu e Hércules seguiu até encontrar Prometeu em uma laje de pedra, em dores atrozes. Hércules partiu as correntes e libertou o sofredor.

Este Trabalho está associado ao signo de Capricórnio que é um dos mais difíceis para se escrever e é o mais misterioso de todos os doze. Há dois portões de importância dominante: Câncer, no que erroneamente chamamos vida, e Capricórnio, o portão para o reino espiritual. Capricórnio, o portão através do qual nós finalmente passamos quando não mais nos identificamos com o lado forma da

existência, mas nos tornamos identificados com o espírito. É isto que significa ser iniciado. Um iniciado é uma pessoa que não põe mais sua consciência em sua mente, ou desejos, ou corpo físico. Ele pode usá-los, se quiser; e o faz para ajudar toda a humanidade, mas não é neles que focaliza sua consciência. Ele está focalizado no que chamamos a alma, que é aquele aspecto de nós mesmos que está livre da forma. É na consciência da alma que finalmente funcionamos em Capricórnio, conhecendo-nos como iniciados e entramos nos dois grandes signos universais de serviço à humanidade. Pois é interessante que, em Aquário, estamos lidando simbolicamente com animais em massa, pois naquele signo Hércules teve a tarefa de limpar as estrebarias de Augias, seu primeiro trabalho como um discípulo mundial. Mas em Peixes ele captura, não o touro, mas todos dos bois, introduzindo em nossa consciência a idéia da universalidade do trabalho mundial, da consciência grupal, da consciência universal e do serviço universal. Este signo simboliza a terceira iniciação, a primeira das iniciações principais. Em Mateus 17 nós lemos que o Cristo levou três discípulos, Pedro, Jaime e João, até o alto da montanha e se transfigurou diante deles. Eles caíram com as faces no chão e Pedro disse, “vamos construir três cabanas”. Pedro, uma rocha ou fundação, é o símbolo do corpo físico. Jaime, o enganador, simboliza a natureza emocional, a fonte de toda miragem. João simboliza a mente, o nome significando “O Senhor falou”. Aí estão o simbolismo dos três aspectos da personalidade, em suas faces diante do Cristo glorificado, em Capricórnio durante sua transfiguração. Que todo o homem se lembre de que o destino da humanidade é incomparável e que ele depende grandemente de sua vontade de colaborar na tarefa transcendental. Que ele se lembre de que a lei é, e sempre foi, lutar; e que a luta não perdeu nada de sua violência por ser transportada do plano material para o espiritual. Que ele se lembre de que sua própria dignidade, sua nobreza como um ser humano, deve emergir de seus esforços para se

libertar de sua servidão e para obedecer a suas aspirações mais profundas. E que ele, acima de tudo, jamais de esqueça de que a centelha divina está nele, só nele, e que está livre para desconsiderá-la, matá-la, ou se aproximar de Deus mostrando seu entusiasmo para trabalhar com Ele, e para Ele.

11° Trabalho

"A Limpeza dos Estábulos de Augias" significando o serviço de limpeza e purificação, com uso da água, preparando o encerramento do ciclo

O Mestre chamou Hércules e disse: “Onze vezes a roda girou e agora estás diante de outro Trabalho. Por muito tempo perseguiu-te a luz que tremeluzia, primeiro de maneira incerta, depois aumentando até tornar-se um firme farol, e agora brilha para ti como um sol brilhante. Agora volta tuas costas para o brilho; inverte teus passos; volta para aqueles para quem a luz é apenas um ponto de transição e ajuda-os a fazê-la crescer. Dirige teus passos para Augias, cujo reino deve ser limpo do antigo mal.” E Hércules saiu à procura de Augias, o rei. Quando ele se aproximou do reino onde Augias governava, um terrível mau cheiro que o fez quase desmaiar, feriu suas narinas. Durante anos, ele ficou sabendo, o Rei Augias jamais fizera limpar o excremento que seu gado deixava nos estábulos reais. Então, os pastos também estavam tão adubados que nenhuma colheita crescia. Em conseqüência, a pestilência varria o país, devastando vidas humanas. Hércules dirigiu-se para o palácio e procurou pelo próprio Augias. Informado de que Hércules vinha limpar os fétidos estábulos, Augias confessou sua dúvida e descrença, dizendo: “Dizeis que farás esta imensa tarefa sem recompensa? Não confio naqueles que anunciam tais bazófias. Hás de ter algum plano astucioso que arquitetaste, oh Hércules, para me roubar o trono. Jamais ouvi de homens que procuram

servir ao mundo sem recompensa. Nunca ouvi. A esta altura, contudo, eu de bom grado acolheria qualquer tolo que procurasse ajudar. Mas deve ser feito um trato, para que não zombem de mim como sendo um rei bobo. Se tu, em um único dia, fizeres o que prometeste, um décimo de todo o meu rebanho será teu; mas se fracassares, tua vida e teus bens estarão em minhas mãos. Não penso que possas cumprir tuas bazófias, mas podes tentar.”

Hércules então deixou o rei. Ele vagou pela pestilenta área, e viu uma carroça passar empilhada com cadáveres, as vítimas da pestilência. Dois rios, ele observou, o Alfeu e o Peneu, fluíam mansamente pela vizinhança. Sentado à beira de um deles, a resposta a este problema lhe veio à mente como um relâmpago. Com determinação e força ele trabalhou. Com enorme esforço ele conseguiu desviar ambas as correntes dos cursos seguidos por séculos. Ele fez com que o Alfeu e o Peneu derivassem suas águas através dos estábulos e aceleradas limpavam a imundície por tanto tempo acumulada. O reino foi limpo de toda a sua fétida treva. Em um único dia foi cumprida a tarefa impossível. Quando Hércules, bastante satisfeito com o resultado, voltou a Augias, este último franziu a testa e disse: “Conseguiste êxito com um truque”, berrou de raiva o Rei Augias. “Os rios fizeram o trabalho, não tu. Foi uma manobra para me tirar meu gado, uma conspiração contra meu trono. Não terás uma recompensa. Vai, sai daqui ou mandarei decapitar tua cabeça!” O enraivecido rei assim banuiu Hércules e o proibiu de voltar ao seu reino, sob pena de morte imediata. Hércules cumpriu a tarefa que lhe fora dada e voltou ao Mestre, que disse: “Tu te tornaste um servidor mundial. Avançaste ao recuar; vieste à Casa da Luz por um outro caminho; gastaste a tua luz para que a luz dos outros pudesse brilhar. A jóia que o décimo primeiro Trabalho dá é tua para sempre.” Hércules sendo o iniciado, deveria fazer três coisas, que podem ser resumidas como as características princi-

pais de todos os verdadeiros iniciados. Se não estiverem presentes em alguma medida, o homem não é um iniciado. A primeira é o serviço impessoal, que não é o serviço que prestamos porque nos dizem que o serviço é um caminho de libertação, mas o serviço prestado porque nossa consciência não é mais centrada em nós mesmos. Não estamos mais interessados em nós mesmos e sim, nossa consciência sendo universal, nada há a fazer, senão assimilar os problemas de nossos semelhantes e ajudá-los. Para o verdadeiro iniciado isso não representa esforço. A segunda é o trabalho grupal que é permanecer sozinho espiritualmente na manipulação dos assuntos pessoais, esquecendo completamente de si mesmo no bem-estar do particular segmento da humanidade ao qual está associado. A terceira é o auto-sacrifício que significa tornar o ego sagrado. Isto lida com o ego do grupo e o ego do indivíduo; esse é o trabalho do iniciado.

Este Trabalho está associado ao signo de Aquário. Cada um de nós é um animal do rebanho de Augias, e os estábulos onde os animais viviam não foram limpos por trinta anos. Trinta é o três multiplicado por dez, três é o número da personalidade e dez é o número da completação. Hércules rompeu todas as barreiras, que é a primeira coisa que deve acontecer na era de Aquário, que significa que devemos começar a pensar em termos amplos, e deixar de sermos exclusivos. Cultivemos o espírito de Aquário de deixar as pessoas livres, cultivemos a capacidade da confiança, eliminemos a desconfiança de todos a quem nos ligarmos, creiamos neles e eles não nos decepcionarão. Se imputarmos a eles motivos errados, eles nos trairão e essa falta será nossa. Sejam tão leais quanto pudermos com a luz que temos. Cultivemos o espírito de Aquário, da não-separatividade, do amor, da compreensão, da inteligência, livres da autoridade, buscando tirar de cada ser humano com quem nos deparamos, o melhor que nele existir.

Aquário já foi referido como “o signo de João Batista”, em termos do iniciado. Se fizermos tudo o que pudermos neste tempo, estaremos cumprindo a função de João Batista e preparando o caminho para aquele extraordinário acontecimento que terá lugar individualmente quando o Salvador Mundial novamente emergir e a humanidade aprender a própria grande verdade e der um passo para frente e para o alto.

12º Trabalho

"A Captura do Gado Vermelho de Gerião" significando a transcendência da animalidade, a salvação

O Mestre chamou Hércules e disse-lhe: “Tu agora estás diante do último Trabalho. É o que falta para que o ciclo seja completo, e a liberação conquistada. Vai até aquele lugar sombrio chamado Eritéia onde a Grande Ilusão está entronizada; onde Gerião, o monstro de três cabeças, três corpos e seis mãos, é rei e senhor. À margem da lei ele mantém um rebanho de gado vermelho escuro. De Eritéia debes trazer até nossa Sagrada Cidade, este rebanho. Cuidado com Euritião, o pastor, e seu cão de duas cabeças, Ortus.” E depois de uma pausa continuou: “Mais um aviso posso dar. Invoca a ajuda de Helio.” Hércules partiu e no templo, fez oferendas a Helio, o deus do fogo e do sol. Por sete dias Hércules meditou, e depois mereceu dele um favor. Um cálice dourado caiu no chão aos seus pés. Ele sentiu no seu íntimo que esse objeto brilhante o capacitaria a cruzar os mares para alcançar o país de Eritéia. E assim foi. Sob a segura proteção do cálice dourado, ele velejou pelos mares agitados até chegar a Eritéia. Numa praia naquele país distante, Hércules desembarcou. Não muito longe dali ele chegou a um pasto onde o gado vermelho escuro pastava. Era guardado pelo pastor Euritião e o cão de duas cabeças, Ortus. Quando Hércules se aproximou, o cão lançou-se como uma flecha para ele, rosnando

ferozmente, tentando alcançá-lo. Com um golpe decisivo Hércules derrubou o monstro. Então, Euritião, amedrontado pelo bravo guerreiro que estava diante dele, suplicou que sua vida fosse poupada. Hércules concedeu-lhe o pedido. Conduzindo o gado vermelho-sangue adiante dele, Hércules voltou sua face para a Cidade Sagrada. Ainda não estava muito longe daquelas pastagens quando percebeu que o monstro Gerião vinha em louca perseguição. Logo Gerião e Hércules estavam face-a-face. Exalando fogo e chamas de todas as três cabeças simultaneamente, o monstro avançou sobre ele. Esticando bem o seu arco, Hércules lançou uma flecha que parecia queimar o ar e que atingiu o monstro em seu flanco. Tamanho foi o ímpeto com que fora lançada, que todos os três corpos de Gerião foram perfurados. Com um guincho desesperado, o monstro oscilou, depois caiu, para nunca mais se levantar. Hércules conduziu, então, o lustroso gado para a Cidade Sagrada. Difícil foi a tarefa. Volta e meia alguns bois de desgarravam, e Hércules deixava o rebanho para procurar aquelas cabeças que se perdiam. Através dos Alpes ele conduziu o seu rebanho, até a Halia. Onde quer que o mal houvesse triunfado, ele golpeava as forças do mal com golpes mortais, e corrigia a balança em favor da justiça. Quando Eryx, o lutador, o desafiou, Hércules o derrubou tão vigorosamente que ele permaneceu caído. Novamente, quando o gigante Alcioneu lançou sobre Hércules uma rocha que pesava uma tonelada, este último a deteve com a sua clava e a mandou de volta, matando seu agressor. Às vezes ele perdia o seu rumo, mas sempre se voltava, refazia seus passos, e prosseguia. Embora exausto por este cansativo trabalho, Hércules por fim voltou. Quando chegou, o Mestre que o esperava, disse-lhe: “A jóia da imortalidade te pertence. Por esses doze Trabalhos tu superaste o humano e te revestiste do divino. De volta ao lar viestes, para não mais partires. No firmamento estrelado o teu nome será inscrito, um símbolo para os batalhadores filhos dos homens, de seu imortal destino. Os trabalhos

humanos estão encerrados, tua tarefa Cósmica começa.”

Este último Trabalho está associado ao signo de Peixes. Hércules viajou, velejando até a ilha numa taça dourada e quando lá chegou, ele subiu até o topo da montanha onde passou a noite em oração. Depois matou o cão de duas cabeças mas não o pastor. Ele também matou o dono daquelas paragens. Aqui está a parte mais bela da história: Hércules colocou o rebanho inteiro na taça dourada da qual se utilizara para a vinda, levou-o para a Cidade Sagrada e o ofereceu em sacrifício a Athena, a Deusa da Sabedoria. Esta cidade sagrada consiste de duas cidades ligadas por um belo muro e um portão chamado o Portão do Leão. Depois que o gado foi entregue,

acabou-se o trabalho de Hércules. Vamos pensar em Hércules como um salvador mundial. Ele vê a humanidade possuída por um monstro, um homem de três cabeças, o símbolo de um ser humano com os corpos físico, emocional e mental unidos. O simbolismo do gado vermelho é claramente o dos desejos inferiores, o desejo sendo sempre uma destacada característica da humanidade. Eles são guardados por um pastor, que é a mente, o cão de duas cabeças, representando os aspectos matéria e psiquismo. Está claro porque Hércules poupou o pastor: a mente ainda pode ser o pastor do gado, mas o cão de duas cabeças, a natureza psíquica-emocional e o aspecto matéria, Hércules matou, o que significa que foram privados de qualquer poder.

Louis Claude de Saint-Martin e o Martinismo

"Os profanos não vos lerão, a não ser que sejais claro ou obscuro, prolixo ou sintético. Somente os HOMENS DE DESEJO irão ler os vossos escritos e aproveitarão vossa luz. Dai-lhes essa luz tão pura e revelada quanto possível."

Louis-Claude de Saint-Martin

Muitos erros foram cometidos em relação ao Movimento Martinista; muitas calúnias foram proferidas contra seus fundadores e suas doutrinas, o que torna necessário elucidar alguns pontos de sua história, esclarecendo os objetivos deste movimento, estabelecendo a diferença entre ele e os propósitos das diversas sociedades que se ligam a um simbolismo qualquer.

É impossível compreender a essência do Martinismo de todas as épocas, se antes não estabelecermos a diferença fundamental existente entre uma Sociedade de Iluminados e uma Sociedade qualquer. Uma Sociedade de Iluminados liga-se ao Invisível por um ou por vários de seus dirigentes. Seu princípio de

existência tem sua origem em um plano supra-humano; toda sua organização administrativa se faz de cima para baixo. Os membros da fraternidade obedecem a seus chefes, obrigação que se torna ainda mais importante à medida que os membros entram no círculo interior.

Uma Sociedade qualquer não está ligada ao Invisível por nenhum vínculo. Seu princípio de existência tem sua origem em seus membros e em nada mais. Toda sua organização administrativa se faz de baixo para cima, com seleções sucessivas por eleição.

Infere-se disso que esta última forma de fraternidade nada pode produzir para fortificar sua existência a não ser cartas constitutivas e papéis administrativos, comuns a toda sociedade profana; enquanto as Ordens de Iluminados baseiam-se, sempre, no Princípio do Invisível que as dirige.

A vida privada, as obras públicas e o caráter dos dirigentes da maioria das fraternidades de Iluminados demonstram que esse Princípio

pio Invisível pertence ao plano Divino, sem relação alguma com o plano material ou corporal.

A Fraternidade de Iluminados mais conhecida, anterior a Swedenborg, a única da qual se pode falar no mundo profano, é a dos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz. Foram os membros dessa fraternidade que decidiram criar sociedades simbólicas, encarregadas de conservar os rudimentos da Iniciação Hermética, dando nascimento aos diversos ritos da Franco-Maçonaria.

Através dos esforços constantes dos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz, o Invisível concedeu um impulso considerável à Humanidade, através da iluminação de Swedenborg, o célebre sábio sueco.

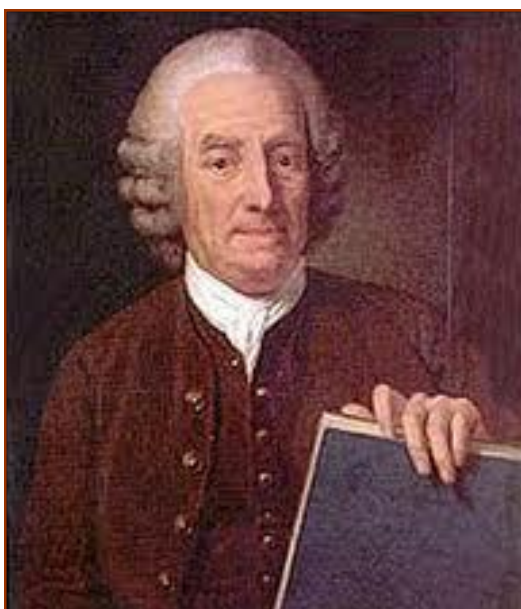
A missão de realização de Swedenborg consistiu basicamente na constituição de uma cavalaria laica do Cristo, encarregada de defender a ideia cristã, dentro de sua pureza primitiva, e de atenuar, no Invisível, os deploráveis efeitos das corrupções, das especulações de fortuna e de todos os processos caros ao "Príncipe deste Mundo".

Swedenborg dividiu sua obra de realização em três seções: - Seção de ensinamento, constituída por seus livros e pelo relato de suas visões; - Seção religiosa, constituída pela aplicação ritualística de seus ensinamentos; - Seção encarregada da tradição simbólica e da prática, constituída pelos graus iniciáticos do Rito Swedenborgiano.

Ora, entre os iniciados de Swedenborg, houve um a quem o Invisível prestou assistência particular e incessante, um homem dotado

de grandes faculdades de realização em todos os planos. Esse homem, Martinez de Pasqually, recebeu a iniciação do Mestre em Londres, sendo encarregado de difundi-la na França.

Em que consistia o Martinesismo? Na aquisição pela pureza corporal, anímica e espiritual, dos poderes que permitem ao homem entrar em relação com os Seres Invisíveis, denominados anjos pela Igreja, chegando não somente a sua reintegração pessoal, mas também à reintegração de todos os discípulos de vontade.



Emanuel Swedenborg (1688 - 1772)

Martinez de Pasqually fazia vir à sala de reuniões todos os que lhe pediam a luz. Traçava os círculos ritualísticos, escrevia as palavras sagradas, recitava suas orações com humildade e fervor, agindo sempre em nome do Cristo, como testemunharam todos àqueles que assistiram às suas operações, como testemunham ainda todos os seus escritos. Então, os seres invisíveis apareciam, resplandecentes de luz. Agiam e falavam, ministravam ensinamentos elevados e instigavam à oração e ao recolhimento; tudo isso ocorria sem médiuns adormecidos, sem êxtase, sem alucinações doentias.

Quando a operação terminava, os Seres Invisíveis tendo ido embora, Martinez de Pasqually dava a seus discípulos o modo de chegarem por si mesmos à produção dos mesmos resultados. Somente quando os discípulos obtinham sozinhos a assistência real do Invisível é que Martinez de Pasqually lhes outorgava o grau de Reau + Croix, como mostram suas cartas, como evidência.

Quando a operação terminava, os Seres Invisíveis tendo ido embora, Martinez de Pasqually dava a seus discípulos o modo de chegarem por si mesmos à produção dos mesmos resultados. Somente quando os discípulos obtinham sozinhos a assistência real do Invisível é que Martinez de Pasqually lhes outorgava o grau de Reau + Croix, como mostram suas cartas, como evidência.

A iniciação de Willermoz, que durou mais de dez anos, a de Louis Claude de Saint-Martin e da de outros, mostram-nos que o Martinesismo foi consagrado a outros objetivos, além da prática da Maçonaria Simbólica.

Martinez de Pasqually procurava desenvolver cada um dos membros de sua ordem pelo trabalho pessoal, deixando-lhes toda a liberdade e toda a responsabilidade por seus atos. Ele selecionava com o maior cuidado seus iniciados, conferindo os graus somente a uma real aristocracia da inteligência.

Os iniciados, uma vez recrutados, reuniam-se para trabalhar em conjunto; essas reuniões eram feitas em épocas astrológicas determinadas. Assim se constituiu uma cavalaria de Cristo, cavalaria laica, tolerante e que se afastava das práticas habituais da Magia Tradicional.

Procura individual da reintegração pelo Cristo, trabalho em grupo, união de esforços espirituais para ajudar os principiantes: tal foi, em resumo, o papel do Martinesismo. Essa Ordem recrutava seus discípulos diretamente junto aos profanos, como foi o caso de Saint-Martin, ou, mais habitualmente, entre os homens já titulares de altos graus maçônicos.

O Iluminismo portanto, criou vários grupos interligados por objetivos comuns e por Mestres Invisíveis oriundos da mesma fonte, que se reuniram posteriormente no plano físico. De Martinez de Pasqually vem a obra mais fecunda nesse sentido, pois foi a ele que o céu deu "poderes ativos", lembrados por seus discípulos com admiração e respeito.

Dos discípulos de Martinez de Pasqually, dois merecem particularmente nossa atenção pelas obras que realizaram: Jean Baptiste Willermoz, e Louis Claude de Saint-Martin. Inicialmente iremos nos ocupar do primeiro. Willermoz, negociante Lionês, era maçom quando começou sua correspondência iniciática com Martinez de Pasqually. Habitado à

hierarquia maçônica, aos grupos e às Lojas, concentrou sua obra de realização no sentido do trabalho em grupo. Tendeu, pois, a constituir Lojas de Iluminados; enquanto Saint-Martin dirigiu seus esforços para o trabalho individual.

A obra capital de Willermoz foi a organização de congressos maçônicos, os Conventos, permitindo aos Martinistas desmascarar previamente a obra fatal dos Templários e apresentar o Martinismo sob seu real aspecto de universalismo integral e imparcial da Ciência Hermética.

Quando foi iniciado por Martinez de Pasqually, Willermoz era venerável da loja A Perfeita Amizade de Lyon, cargo que ocupou entre 1752 e 1763. Essa loja filiava-se à Grande Loja da França. Em 1760, uma primeira seleção foi realizada e todos os membros portadores do grau de Mestre constituíram uma grande Loja de Mestres de Lyon tendo Willermoz como Grão-Mestre. Em 1765, nova seleção foi realizada através da criação do Capítulo de Cavaleiros da Águia Negra, colocados sob a direção do Dr. Jacques Willermoz, irmão mais moço de Jean-Baptiste.

A mais alta espiritualidade, a mais intensa submissão às vontades do Céu, as mais ardentes orações a Nosso Senhor Jesus Cristo jamais deixaram de preceder, de acompanhar e de encerrar as reuniões presididas por Willermoz. O Willermosismo, assim como o Martinesismo e o Martinismo, sempre foram Cristãos. Ele dá a César o que é de César e ao Cristo o que é de Cristo.

Como se observa, o Willermosismo tendeu sempre ao agrupamento de fraternidade iniciáticas, à constituição de coletividades de iniciados dirigidas por centros ativos ligados ao Iluminismo. Não tem razão quem pensa que Willermoz tenha abandonado as idéias de seus mestres; pensar isso é conhecer mal seu caráter elevado. Sempre até a morte, quis estabelecer a Maçonaria sobre bases sólidas, dando como objetivo a seus

membros a prática da virtude e da caridade; mas sempre procurou fazer das lojas e dos capítulos centros de seleção para os grupos de Iluminados. A primeira parte de sua obra era clara, a segunda oculta; é por isso que as pessoas mal informadas podem não ver Willermoz sob sua verdadeira personalidade.

Após a tormenta revolucionária, tendo seu irmão Jacques Willermoz sido guilhotinado, com todos os seus iniciados, havendo ele próprio escapado por milagre da mesma sorte, foi ainda ele quem reconstituiu na França a Franco-Maçonaria espiritualista, graças aos rituais que pôde salvar do desastre. Tal foi a obra deste Mestre e Martinista.

Embora não se conhecesse a ortografia correta do nome de Martinez de Pasqually e a profundidade da obra real de Willermoz, antes da publicação das cartas de Martinez de Pasqually, muito se escreveu sobre Saint-Martin; muitas inexatidões foram publicadas em relação à sua obra.

As críticas, as análises, as suposições e também as calúnias feitas à sua obra baseiam-se tão somente nos livros e nas cartas esotéricas do Filósofo Desconhecido. Sua correspondência de Iniciado, endereçada a seu colega Willermoz, mostra os inúmeros erros cometidos pelos críticos. É verdade que não se pode obter muita informação com base nos documentos atualmente conhecidos, sobretudo quando não se tem nenhuma luz sobre as chaves que dá o Iluminismo a esse respeito.

Willermoz foi encarregado do agrupamento de elementos Martinistas e de ação na França; Saint-Martin recebeu a missão de criar a iniciação individual e de exercer sua ação tão longe quanto possível. A esse respeito, permitiram-lhe estudar integralmente os ensinamentos do "Agente Desconhecido".

Além dos estudos ligados ao Iluminismo, começados junto a Martinez de Pasqually e desenvolvidos com Willermoz, Louis Claude de

Saint-Martin ocupou-se ativamente da Alquimia. Ele possuía em Lyon um laboratório organizado para esse fim. Tendo estendido seu raio de ação, Saint-Martin foi obrigado a fazer certas reformas dentro do Martinesismo. Os autores clássicos de Maçonaria deram o nome do grande realizador à sua adaptação e designaram sob o nome de Martinismo o movimento proveniente de Louis Claude de Saint-Martin.

A Ordem de Saint-Martin foi introduzida na Rússia sob o reinado da Grande Catarina, sendo tão difundida ao ponto de ser mencionada em uma peça de teatro encenada na corte. É à Ordem de Saint-Martin que se ligam as iniciações individuais, referidas nas memórias da baronesa de Oberkierch. O autor clássico da Franco-Maçonaria, o positivista Ragon, que não simpatizava com os ritos dos Iluminados, descreve nas páginas de sua Ortodoxia Maçônica as mudanças operadas por Saint-Martin para constituir o Martinismo.

Ligação de Saint-Martin com os Ensinamentos de Martines de Pasqually

Segundo citações do próprio Saint Martin:

"Meu primeiro mestre, a quem eu fazia perguntas semelhantes em minha juventude, respondia-me que se aos sessenta anos eu tivesse atingido o termo, não deveria lamentar. Ora, tenho apenas cinquenta anos!" Procurai ver que as melhores coisas aprendem-se e não se ensinam, e sabereis mais que os doutores.

"Nossa primeira escola tem coisas preciosas. Eu mesmo fui levado a acreditar que Martinez de Pasqually, de quem me falais (o qual, é necessário vos dizer, era nosso mestre) tinha a chave ativa de tudo aquilo que nosso caro B..... expõe em suas teorias, mas não nos considerava aptos para receber verdades tão elevadas. Ele possuía, também os pontos que nosso amigo B... não conheceu ou não quis

mostrar, tais como a respiscância do ser perverso, para a qual o primeiro homem teria sido encarregado de trabalhar; idéia que me parece ainda ser digna do plano universal, mas sobre o qual, entretanto, ainda não tenho nenhuma demonstração positiva, exceto pela inteligência. Quanto à Sofia e ao Rei do mundo, ele nada nos revelou; deixou-nos nas noções elementares do mundo e do demônio. Mas não afirmarei que ele não tenha tido conhecimento de tudo isso; estou persuadido que acabaríamos por chegar a esse conhecimento, se o tivéssemos conservado por mais tempo".

"Resulta de tudo isso que há um excelente casamento a se fazer entre a doutrina de nossa primeira escola e a de nosso amigo B... É sobre isso que trabalho; confesso-vos francamente que considero os dois esposos tão bem feitos um para o outro que não encontro nada de mais completo: assim, aprendamos deles tudo o que pudermos, eu vos ajudarei da melhor maneira possível".

A Iniciação Martinista, seu Caráter

"A única iniciação que prego e que procuro com todo o ardor de minha alma é aquela que nos permite entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós, para aí fazer um casamento indissolúvel, transformando-nos no amigo, irmão e esposa do Divino Reparador. Não existe outro mistério para chegar-se a essa santa iniciação a não ser este: penetrar cada vez mais nas profundezas de nosso ser até aflorar a viva e vivificante raiz; porque, então, todos os frutos que deveremos portar, segundo nossa espécie, irão se produzir naturalmente em nós e fora de nós, como aqueles que vemos nascer em nossas árvores terrestres, porque são aderentes à sua raiz particular e porque não cessam de sugar seu sumo".

"Quando sofremos por nossas próprias obras, falsas e infectas, o fogo é corrosivo e queima; e, entretanto ele deve ser menos do

que aquele que serve de fonte a essas obras falsas. Também tenho dito, mais por sentimento do que por luz (no livro O homem de Desejo), que a penitência é mais doce do que o pecado. Quando sofremos pelos outros homens, o fogo é ainda mais vizinho do óleo e da luz; mesmo que ele nos rasgue a alma e nos inunde de lágrimas, não passaremos por essas provas sem delas retirar deliciosas consolações e as mais nutritivas substâncias".

Caráter Essencialmente Cristão do Martinismo

Os clérigos sempre se esforçaram em conservar só para si a possibilidade de comunicação com o plano Divino. A partir desta pretensão, todo contato que não vem por seu intermédio atribui-se a Satã ou a outros demônios. Caluniaram ao ponto de pretender que os Martinistas não eram cristãos, não servindo ao Cristo, mas a um demônio qualquer, disfarçado sob esse nome. Eis a resposta de Saint-Martin a essas acusações:

"Acrescento que os elementos mistos foram o meio de que se serviu o Cristo para vir até nós; enquanto devemos quebrar e atravessar esses elementos para chegar até ele; assim, enquanto repousarmos sobre esses elementos, estaremos atrasados".

"Entretanto, como acredito falar a um homem sensato, calmo e discreto, não esconderei que na escola onde passei há mais de vinte e cinco anos as comunicações de todo o tipo eram numerosas e freqüentes; e eu tive a minha parte como muitos outros. Nesses trabalhos, todos os sinais indicativos do Reparador estavam compreendidos. Ora, não ignorais que o Reparador e a Causa Ativa são a mesma coisa".

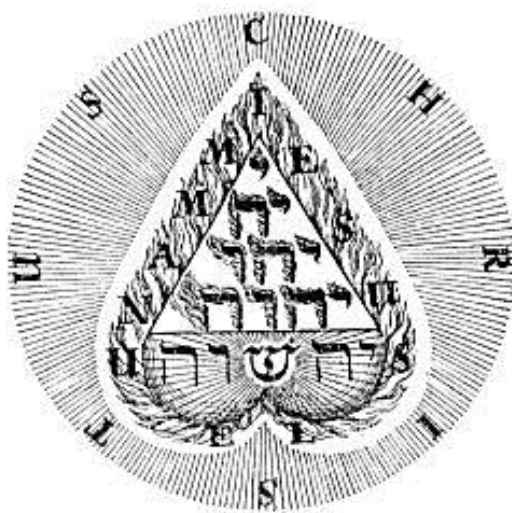
יהוה

"Acredito que a palavra comunicou-se sempre, diretamente e sem intermediário,

desde o começo das coisas. Ela falou diretamente a Adão, a seus filhos e sucessores, a Noé, a Abraão, a Moisés, aos Profetas, etc., até o tempo de Jesus Cristo. Ela falou pelo grande nome e queria tanto transmiti-lo, diretamente, que segundo a lei levita o grande sacerdote encerrava-se sozinho no Santo dos Santos para pronunciá-lo; e, segundo algumas tradições, ele possuía campainhas na barra de seu balandrau para ocultar sua voz aos que permaneciam nos recintos vizinhos.

יהוה

"Quando o Cristo veio, tornou a pronúncia dessa palavra ainda mais central ou mais interior, uma vez que o grande nome que essas quatro letras exprimem é a explosão quaternária ou o sinal crucial de toda vida. Jesus Cristo, transportando do alto o a dos hebreus, ou a letra S, juntou o santo ternário ao grande nome quaternário, devendo encontrar em nós sua própria fonte nas ordenações antigas, com mais forte razão o nome do Cristo deve também esperar dele, exclusivamente, toda eficácia e toda luz. Também, ele nos disse para nos encerrarmos em nosso quarto quando desejássemos orar; ao passo que, na antiga lei, era absolutamente necessário ir ao Templo de Jerusalém para adorar; e aqui, vos envio os pequenos tratados de vosso amigo sobre a penitência, a santa oração, o verdadeiro abandono, intitulados: Der Weg zu Christ; "O caminho para Cristo" ai vereis, passo a passo, que se todos os costumes humanos não desaparecerem, e se é possível que qualquer coisa nos seja transmitida, verdadeiramente, se o espírito não se criar em nós, como criasse eternamente no princípio da natureza universal, onde se encontra permanentemente a imagem de onde adquirimos



nossa origem e que serviu de exemplo a Mensebwerdung.

Sem dúvida, há uma grande virtude ligada a essa verdadeira pronúncia, tão central quanto oral, deste grande nome e daquele de Jesus Cristo que é como a flor. A vibração de nosso ar elementar é uma coisa bem secundária na operação pela qual esses nomes tornam sensíveis aquilo que não o foi. A virtude deles é de fazer hoje e a todo momento o que fizeram no começo de todas as coisas para lhes dar a origem; e como produziram toda coisa antes que o ar existisse, sem dúvida que ainda estão abaixo do ar, quando desempenham as mesmas funções; não é impossível a esta Divina palavra se fazer escutar mesmo por um surdo e em lugar privado de ar, pois não será difícil à luz espiritual tornar-se sensível a nossos olhos mesmo físicos, pelo menos não ficaríamos cegos e ofuscados no mais tenebroso calabouço.

Quando os homens fazem sair as palavras fora de seu verdadeiro lugar, livrando-as por ignorância, imprudência ou impiedade, às regiões exteriores ou à disposição dos homens de torrente, elas conservam sempre, sem dúvida, sua virtude, mas daí retiram muito de si próprias, porque não se acomodam por combinações humanas; também, esses tesouros tão respeitáveis não fizeram outra coisa senão provar a escória, passando pela mão dos homens; sem contar que não cessaram de serem substituídos pelos ingredientes nulos ou perigosos, que, produzindo enormes efeitos, acabaram por encher o mundo inteiro de ídolos, porque ele é o templo do Deus verdadeiro, que é o centro da palavra".

A Prática, os Seres Astrais

Como todo Iluminado, Saint-Martin soube insistir sobre o perigo das comunicações com os seres astrais, como prova a correspondência entre os dois amigos:

"Não poderíamos denominar os três reinos que vossa escola designava "natural, espiritual e Divino", natural, astral e Divino?"

"Todas essas manifestações que vêm após a iniciação, não seriam do reino astral? Uma vez tendo colocado os pés nesse domínio, não se entraria em sociedade com os seres que aí habitam, cuja maior parte, se me for permitido, em assunto dessa natureza, servir-me de uma expressão trivial, é má companhia? Não se entra em contato com seres que podem atormentar, até ao excesso, o operador que vive nessa multidão, ao ponto de suscitar-lhe o desespero e de inspirar-lhe o suicídio, como testemunharam Schoroper e o Conde de Cagliostro! Sem dúvida que terão os iniciados os meios mais ou menos eficazes para se protegerem das visões; mas, em geral, parece-me que essa situação, que está fora da ordem estabelecida pela Providência, pode ter antes conseqüências mais funestas do que favoráveis ao nosso progresso espiritual".

Martinismo Contemporâneo

Foi então que os mestres do Invisível dirigiram a grande reação idealista e forneceram ao Martinismo os meios para adquirir considerável expansão. Assim como Martinez de Pasqually havia adaptado o Swedenborgismo ao meio no qual deveria agir, assim como Saint-Martin e Willermoz tinham também feito as alterações indispensáveis, igualmente o Martinismo contemporâneo adaptou-se a seu meio e à sua época, conservando à Ordem seu caráter tradicional e seu espírito primitivo.

Essa adaptação consistiu sobretudo na união íntima dos sistemas de Saint-Martin e de Wil-

lermoz. Os iniciadores livres, criando discretamente outros Iniciadores e desenvolvendo a Ordem pela ação individual, caracterizavam o sistema de Saint-Martin. Os grupos de Iniciados e Iniciadores, regidos por um centro único e constituídos hierarquicamente, caracterizavam o Willermosismo. Eis porque o Martinismo contemporâneo constituiu seu Supremo Conselho, mantendo Iniciadores Livres, assessorando-se de Delegados Gerais, Delegados Especiais, administrando lojas e grupos espalhados atualmente em todo o mundo.

Não solicitando a seus membros nenhuma cotização, nem direitos de entrada, não exigindo nenhum tributo regular de suas lojas ao Supremo Conselho, o Martinismo ficou fiel a seu espírito e às suas origens, fazendo da pobreza material sua primeira regra. Desse modo, pôde evitar as irritantes questões de dinheiro, causa dos desastres de certas ordens contemporâneas; assim, também, pôde exigir de seus membros um trabalho intelectual elevado, criando escolas, distribuindo seus graus exclusivamente através de exame, abrindo suas portas a todos os que justificarem uma riqueza intelectual ou moral. O Martinismo ignora a exclusão de membros pelo não pagamento de cotização, desconhece o tronco de solidariedade. Apenas seus chefes são chamados a justificar seu título, participando, segundo seus graus, do desenvolvimento geral da Ordem.

Filiação Martinista: Saint-Martin, Chaptal e Delaage

A organização Martinista em grupos proporcionou-lhe grande dinamismo; ela foi efetuada por um modesto ocultista, fiel à conservação da tradição iniciática do Espiritualismo, caracterizada pela Trindade, e à defesa do Cristo fora de qualquer seita. São essas as características do Incógnito a quem foi confiado o depósito sagrado: Henri Delaage, que preferiu ficar fiel à sua iniciação do que fundar uma nova seita não tradicional.

Delaage manteve o respeito ao segredo, nada revelando, a ponto de não falar da origem de sua iniciação em seus livros. Somente aos íntimos falava de coração aberto do Martinismo, cuja tradição lhe foi transmitida através de seu avô, o Senhor de Chaptal, iniciado pelo próprio Louis Claude de Saint-Martin.

Alguns meses antes de sua morte, Delaage quis passar a alguém a semente que lhe tinham confiado, mas dela não esperava nenhum fruto. Pobre depósito, constituído por duas letras e alguns pontos, resumo dessa doutrina iniciática que iluminou as obras de Delaage. Mas o Invisível estava presente e foi ele quem se encarregou de religar as obras à sua real origem e de permitir a Delaage confiar sua semente a uma terra onde ela poderia se desenvolver.

As primeiras iniciações pessoais, sem outro ritual que essa transmissão oral de duas letras e de dois pontos, tiveram lugar entre 1884 e 1885, na rua Rochechouart (em Paris). De lá, passaram à rua de Strasbourg, onde os primeiros grupos foram criados. A primeira loja foi constituída na rua Pigalle, onde Arthur Arnould foi iniciado, começando a senda que o afastaria definitivamente do materialismo.

Essa Loja foi em seguida transferida para um apartamento da rua Tour d'Auvergne, onde as reuniões de iniciação foram frequentemente e frutuosas sob o ponto de vista intelectual. Os cadernos surgiram entre 1887-1890 e foi mais ou menos nessa época que Stanislas de Guaita pronunciou seu belo discurso de iniciação. A partir desse momento o progresso foi bastante rápido.

O grupo Esotérico e a Livraria do Maravilhoso, tão bem criada por um bacharel em direito, membro fundador da loja, Lucien Chamuel, foram fundados em 1891. O Supremo Conselho da Ordem Martinista foi constituído, como um local reservado às reuniões e às iniciações, primeiro na rua Trevisse n° 29,

após na rua Bleue e, finalmente na rua Savoie.

Em seguida, a Ordem constituiu seus delegados e suas lojas, inicialmente na França e nas diversas partes da Europa; mais tarde na América, no Egito e na Ásia.

Tudo isso foi obtido sem que jamais um Martinista pagasse uma quotização qualquer, sem que jamais uma loja tivesse fornecido um tributo regular ao Supremo Conselho. Os fundadores consagraram todos os seus ganhos à sua obra e o Céu lhes recompensou dignamente pelos seus esforços.

Características do Martinismo Contemporâneo

Derivando diretamente do Iluminismo Cristão, o Martinismo acabou adotando seus próprios princípios. A Ordem sobreviveu a tudo, mesmo às calúnias lançadas contra seus membros e dirigentes.

A Ordem Martinista em seu conjunto é antes de tudo uma escola de cavalaria moral, que se esforça em desenvolver a espiritualidade de seus membros, pelo estudo do Mundo Invisível e de suas Leis, pelo exercício do devotamento e da assistência intelectual e pela criação em cada espírito de uma fé cada vez mais sólida, baseada na observação e na ciência. O Martinismo constitui uma cavalaria de Altruísmo, oposta à liga egoísta dos apetites materiais, uma escola onde se aprende a dar ao dinheiro o seu justo valor, não o considerando como influxo Divino; é, finalmente, um centro onde se aprende a permanecer impassível diante dos turbilhões positivos ou negativos que subvertem a Sociedade! Formando o núcleo real desta universalidade viva, que fará um dia o casamento da Ciência sem divisão com a Fé sem atributos, o Martinismo esforça-se em tornar-se digno de seu nome, criando escolas superiores de ciências metafísicas e fisiogônicas, desdenhosamente separadas do ensino clássico, sob pretexto de serem ocultas.

Tal é o caráter do Martinismo. Compreende-se que é impossível encontrá-lo integralmente em cada um dos membros da Ordem, pois cada iniciado representa uma adaptação particular dos objetivos gerais. Mas esta época de ceticismo, de adoração da fortuna material e do ateísmo tem grande necessidade de uma reação francamente cristã, ligada sobretudo à ciência e independente de todos os cleros, sejam católicos ou protestantes. Em todos os países onde penetrou, o Martinismo salvou da dúvida, do desespero e do suicídio muitas almas; trouxe à compreensão do Cristo muitos espíritos que as manipulações clericais e seu objetivo de baixo interesse material, isto é, de adoração de César, ti-

nam distanciado de toda fé. Após ter feito isso, não importa se caluniem, difamem ou excomunguem ao Martinismo ou a seus chefes. A Luz atravessa os vidros mesmo imundos e ilumina todas as trevas físicas, morais e intelectuais.

Acusados de serem demônios por uns, clérigos por outros, magos negros ou alienados pela multidão, permaneceremos simplesmente Cavaleiros ferventes do Cristo, inimigos da violência e da vingança; opostos a toda anarquia de cima ou de baixo, em uma palavra: permaneceremos Martinistas como foram nossos gloriosos antepassados, Martinez de Pasqually, Louis Claude de Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz.

Contos Espirituais

O Sinergismo

Contam que numa carpintaria houve uma vez uma estranha assembléia. Foi uma reunião de ferramentas para ajustar suas diferenças. O martelo exerceu a presidência, porém a assembléia o notificou que tinha que renunciar. A causa? Fazia demasiado ruído! E, ademais, passava o tempo todo golpeando e fazendo barulho.

O martelo aceitou sua culpa, porém pediu que também fosse expulso o parafuso; disse que tinha que dar muitas voltas para que servisse para alguma coisa. Diante do ataque, o parafuso aceitou também, porém, por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Fez ver que era muito áspera em seu trato e sempre tinha atritos com os demais.

E a lixa ficou de acordo, com a condição de que fosse expulso o metro que sempre passava medindo aos demais segundo sua medida, como se fora o único perfeito.

Nesse momento, entrou o carpinteiro, pôs o avental e iniciou seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e parafuso. Finalmente e

após horas de trabalho, a grosseira madeira inicial se converteu num lindo móvel.

Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembléia retomou a deliberação. Foi então quando tomou a palavra o serrote, e disse: “Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, porém o carpinteiro trabalha com nossas qualidades. Isso é que nos torna valiosos. Assim que não pensemos em nossos pontos negativos e nos concentremos na utilidade dos nossos pontos positivos”.

A assembléia então chegou à conclusão que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para afinar e limar asperezas e observaram que o metro era preciso e exato. Se sentiram então uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Se sentiram orgulhosos de suas forças e de trabalhar juntos.

Os Defeitos

Um carregador de água na Índia levava dois grandes potes, ambos pendurados em cada ponta de uma vara a qual ele carregava atravessada em seu pescoço.

Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre chegava cheio de água no fim da longa jornada entre o poço e a sua casa; enquanto que o pote rachado chegava apenas pela metade.

Foi assim diariamente por dois anos, o carregador entregando um pote e meio de água na casa do seu senhor. Claro, o pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. Porém, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição, e sentindo-se miserável por ser capaz de realizar apenas a metade do que ele havia sido designado a fazer.

Após perceber que por dois anos havia sido uma falha amarga, o pote falou para o homem um dia a beira do poço.

- "Estou envergonhado, e quero pedir-lhe desculpas."

- "Por que?" Perguntou o homem. - "De que você está envergonhado?"

- "Nestes dois anos fui capaz de entregar apenas a metade da minha carga, porque esta rachadura no meu lado faz com que a água vaze por todo o caminho da casa de seu senhor. Por causa do meu defeito, você tem que fazer todo esse trabalho, e não ganha o salário completo dos seus esforços", disse o pote.

O homem ficou triste pela situação do velho

pote, e com compaixão falou:

- "Quando retornarmos para a casa de meu senhor, quero que percebas as flores ao longo do caminho."

De fato, a medida que eles subiam a montanha, o velho pote rachado notou flores selvagens ao lado do caminho, e isto lhe deu certo ânimo. Mas ao fim da estrada, o pote ainda se sentia mal porque tinha vazado a metade, e de novo pediu desculpas ao homem por sua falha.

Disse o homem ao pote:

- "Você notou que pelo caminho só havia flores no seu lado? Eu ao conhecer o seu defeito, tirei vantagem dele e lancei sementes

de flores no seu lado do caminho, e cada dia enquanto voltávamos do poço, você as regava. Por dois anos eu pude colher flores para ornamentar a mesa de meu senhor. Sem você ser do jeito que você é, ele não poderia ter esta beleza para dar graça a sua casa."

Cada um de nós temos nossos próprios defeitos. Todos nós somos potes rachados. Porém, se permitirmos, o Senhor vai usar estes nossos defeitos para embelezar a mesa de Seu Pai.

Na grandiosa economia de Deus, nada se perde e nunca deveríamos ter medo dos nossos defeitos. Se os reconhecermos, eles poderão causar beleza pois é das nossas fraquezas, que devemos tirar nossas forças."

